

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ  
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL,  
EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

**SAMANTHA DE ANDRADE COSTA**

**TEORIZANDO O ESPORTE COMO INTERVENÇÃO SOCIAL FRENTE À LEI  
8.069/90: O CASO DO PROJETO “EDUCAR PARA CRESCER”**

**SÃO MATEUS  
2019**

SAMANTHA DE ANDRADE COSTA

TEORIZANDO O ESPORTE COMO INTERVENÇÃO SOCIAL FRENTE À LEI  
8.069/90: O CASO DO PROJETO “EDUCAR PARA CRESCER”

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional da Universidade de São Mateus para obtenção do título de Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Área de Concentração: Educação Física e Saúde

Orientador: Prof. Me. Jose Roberto Gonçalves de Abreu

SÃO MATEUS  
2019

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação  
Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional  
Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

C837t

Costa, Samantha de Andrade.

Teorizando o esporte como intervenção social frente à lei 8.069/90: o caso do projeto “Educar para crescer” / Samantha de Andrade Costa – São Mateus - ES, 2019.

100 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2019.

Orientação: prof. Me. José Roberto Gonçalves de Abreu.

1. Esporte. 2. Lei 8.069/90. 3. Relevância sociocultural. 4. Criança e adolescente. 5. Projeto educar para crescer I. Abreu, José Roberto Gonçalves de. II. Título.

CDD: 353.7

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

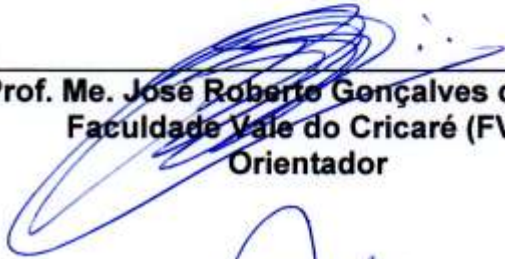
**SAMANTHA DE ANDRADE COSTA**

**TEORIZANDO O ESPORTE COMO INTERVENÇÃO SOCIAL  
FRENTE À LEI 8.069/90: O CASO DO PROJETO “EDUCAR  
PARA CRESCER”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional, na área de concentração Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.


Aprovada em 26 de março de 2019.

**COMISSÃO EXAMINADORA**




---

**Prof. Me. José Roberto Gonçalves de Abreu**  
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)  
Orientador




---

**Prof. Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes**  
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



---

**Prof. Dr. Victor José Machado de Oliveira**  
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)



---

**Prof. Dr. Wagner dos Santos**  
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Dedico esse estudo aos meus pais e filhos pelo amor e dedicação incansáveis em toda a minha trajetória acadêmica. E a todas crianças e adolescentes em condição de vulnerabilidade.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, o meu amor maior, por estar presente em todos os momentos da minha vida, iluminando-me, capacitando-me e guardando-me.

Agradeço ao meu pai, Zélio Costa, *in memoriam*, pelo amor e apoio incondicional. À minha mãe, Eleusa de Andrade, por todo carinho e dedicação.

Aos meus filhos queridos, Arthur de Andrade Costa Pereira Nascimento, Heitor de Andrade Costa Pereira Nascimento e Asuele de Andrade Costa Almeida, por serem a razão da minha existência, meu alicerce e amor insubstituível.

Em especial, agradeço às amigas, Najara Velame Ribeiro e Ivana de Jesus Melgaço.

Aos colaboradores da pesquisa, responsáveis pela Associação Educar para Crescer, que deu vida ao Projeto “Educar para Crescer através do Esporte”, Andreia Ferreira de Souza e Eugênio Souza Cabral.

Aos gestores da Faculdade Vale do Cricaré, ao corpo docente responsável por grande parte do conhecimento adquirido; em particular, ao meu orientador Prof. Me. Jose Roberto Gonçalves de Abreu, pela sapiência, dedicação para a realização desse estudo e também, pela paciência e disponibilidade, durante todo o processo da dissertação. Muito obrigada!

Aos meus colegas do mestrado, que foram grandes companheiros de jornada neste período.

“Há sempre um momento na infância em que a porta se abre e deixa entrar o futuro”.

Graham Greene - Escritor Inglês

## RESUMO

COSTA, S. de A. **Teorizando o esporte como intervenção social frente à Lei 8.069/90: O caso do Projeto “Educar para crescer”**. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade Vale do Cricaré, Universidade de São Mateus, Espírito Santo, 2019.

O estudo analisa a relevância do Projeto “Educar para Crescer através do Esporte” à luz da Lei 8.069/90 dentro do processo social e educacional dos participantes das oficinas ofertadas pelo programa, visando à diminuição da agressividade e violência entre crianças e adolescentes no Bairro Colina Verde no município de Teixeira de Freitas. Apresenta o tema do esporte como intervenção social. Reconhece que o esporte minimiza a agressividade e a violência no âmbito escolar e extraescolar. Permite entender a importância do funcionamento do “Projeto Educar para Crescer através do Esporte”. Destaca a importância das oficinas do referido Projeto para o desenvolvimento sociocultural e educacional dos partícipes. Propõe que é necessária a ampliação do Projeto em outros bairros de mesma conotação social no município de Teixeira de Freitas, focando nos resultados das intervenções através das atividades esportivas, na minimização da agressividade e violência entre os pares. Metodologicamente, realizou-se um estudo exploratório bibliográfico e uma pesquisa de campo qualiquantitativa de natureza descritiva que permitiu a aplicação de entrevistas com questionários que também trouxeram relatos orais dos pais dos alunos que são integrantes do Projeto no Bairro Colina Verde. Como resultado da pesquisa observou-se que é grande a contribuição do “Projeto Educar para Crescer através do Esporte” para a formação e desenvolvimento sociocultural das crianças e adolescentes partícipes desse programa de práticas esportivas. Verificou-se que o Projeto exerce grande influência positiva nas escolas em que os alunos estudam, em seus lares e na sociedade como um todo. Há o desenvolvimento de uma nova racionalidade sociocultural através desse Projeto que traz uma oferta de oficinas esportivas como o xadrez, futsal e futebol de campo, jiu jitsu, capoeira e ainda, leitura, em busca de transformação e mudança de paradigmas, quanto à postura dos pais, escola, sociedade diante dos problemas relacionados à agressividade e violência que permeiam a vida das crianças e adolescentes sobrevivendo da vulnerabilidade das suas vidas em bairros periféricos. De acordo com os resultados das pesquisas com os pais dos alunos que participam do Projeto, eles reconheceram que os seus filhos foram bastante beneficiados em seu desenvolvimento educacional, mental e psíquico, pois estão mais calmos, alegres, tranquilos, estudam mais, melhoraram o rendimento escolar – o que foi admitido pelos professores –, fizeram novos amigos na associação, não saem mais à rua para brincar com frequência, estão menos nervosos e agressivos, pois aprenderam valores e princípios morais, como o respeito, espírito esportivo e ainda aprimoraram a leitura e o raciocínio lógico em sala de aula. Além disso, as atividades esportivas contribuíram para o seu melhor desenvolvimento físico e emocional. O trabalho em equipe e os benefícios da interação social entre as crianças são melhor vistos através do esporte.

Palavras-chave: Esporte. Lei 8.069/90. Relevância sociocultural. Criança e Adolescente. Projeto Educar para Crescer.



## ABSTRACT

COSTA, S. de A. **Theorizing sport as a social intervention in relation to Law 8.069 / 90:** The case of the "Educate to grow" project. 99 f. Dissertation (Master degree) - Cricaré Valley College, University of St. Matthew, Holy Spirit, 2019.

The study analyzes the relevance of the Project "Educate to Grow through Sport" in the light of Law 8.069 / 90 within the social and educational process of the participants of the workshops offered by the program, aiming at reducing aggression and violence among children and adolescents in Bairro Colina Verde in the municipality of Teixeira de Freitas. It presents the theme of sport as social intervention. It recognizes that sport minimizes aggression and violence in school and out-of-school settings. It allows understanding the importance of the operation of the "Educate to Grow through Sport Project". It emphasizes the importance of the workshops of the said Project for the socio-cultural and educational development of the participants. It proposes that it is necessary to expand the Project in other neighborhoods of the same social connotation of the municipality of Teixeira de Freitas, focusing on the results of interventions through sports activities, in minimizing aggression and violence among peers. Methodologically, an exploratory bibliographic study and a qualitative field research of a descriptive nature were carried out, which allowed the application of interviews with questionnaires that also brought oral reports of the parents of the students who are members of the Project in the Colina Verde neighborhood. As a result of the research it was observed that the contribution of the "Educating to Grow through Sports Project" is great for the formation and socio-cultural development of children and adolescents participating in this program of sports practices. It was found that the Project exerts a great positive influence in the schools in which students study, in their homes and in society as a whole. There is the development of a new sociocultural rationality through this Project that offers an offer of sports workshops such as chess, futsal and field soccer, jiu jitsu, capoeira and also reading, in search of transformation and paradigm change, as to the posture of parents, school, society in the face of problems related to the aggression and violence that permeate the lives of children and adolescents who are overcome by the vulnerability of their lives in peripheral neighborhoods. According to the results of the researches with the parents of the students participating in the Project, they recognized that their children were benefited in their educational, mental and psychic development because they are calmer, cheerful, quiet, study more, improve the income school, which the teachers admitted, they made new friends in the association, they did not go out to play anymore, they were less nervous and aggressive, because they learned moral values and principles, such as respect, sportsmanship and even improved reading and logical reasoning in the classroom. In addition, sports activities have contributed to their improved physical and emotional development. Teamwork and the benefits of social interaction among children are best seen through sport.

**Keywords:** Sport. Law 8.069/90. Sociocultural relevance. Child and teenager. Educate to Grow Project.

## LISTA DE SIGLAS

CF	Constituição Federal
CONANDA	Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio ‘ Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
OMS	Organização Mundial da Saúde
PDU	Plano Diretor Urbano
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNE	Plano Nacional de Educação
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Grau de escolaridade.....	73
Gráfico 2 – Tempo de permanência dos alunos no projeto.....	73
Gráfico 3 – Atividades executadas pelos alunos que fazem parte do projeto.....	74
Gráfico 4 – A importância do projeto para os pais.....	75
Gráfico 5 – O projeto tem a função de inclusão e diversão.....	78

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa via satélite do Bairro Colina Verde.....	63
Figura 2 – Mapa padrão do Bairro Colina Verde.....	63
Figura 3 – Logotipo da Associação Educar para Crescer.....	64
Figura 4 – Momento de Lazer entre professores e alunos.....	94
Figura 5 – Alunos de Jiu jitsu no tatame.....	94
Figura 6 – Cabides com uniformes de Jiu jitsu.....	95
Figura 7 – Lanche após sala de leitura.....	95
Figura 8 – Os uniformes são comprados pela Associação Educar para Crescer.....	96
Figura 9 – Treino de Jiu jitsu.....	96
Figura 10 – Golpe em treino de Jiu jitsu.....	97
Figura 11 – Aquisição do tatame.....	97
Figura 12 – Professores e alunos de Jiu jitsu.....	98
Figura 13 – Xadrez no tatame.....	98
Figura 14 – Uma pausa para foto com o professor de Capoeira.....	99
Figura 15 – Noções de Primeiros Socorros.....	99
Figura 16 – Chocolate na Páscoa.....	100

# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2</b>	<b>ANÁLISE DOS DESAFIOS DO EDUCADOR FRENTE À VIOLÊNCIA E AGRESSIVIDADE NAS ESCOLAS</b> .....	21
2.1	VIOLÊNCIA – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	21
2.2	A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS E A SUA DIMENSÃO SOCIOCULTURAL....	22
2.2.1	O impacto social da violência na vida cotidiana dos educandos e a legislação vigente – Lei 8.069/90.....	26
2.3	CENÁRIOS DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA: ALUNO X PROFESSOR E ALUNO X ALUNO.....	31
2.4	OS DESAFIOS DOS DOCENTES E GESTORES NO ATENDIMENTO AOS ALUNOS E PAIS FRENTE À VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS.....	38
2.5	OS SUJEITOS DA ESCOLA EM RELAÇÕES COMPLEXAS: ESCOLA X ALUNO X PROFESSOR X FAMÍLIA.....	44
<b>3</b>	<b>VISÕES MÚLTIPLAS EM RELAÇÃO AO ESPORTE</b> .....	50
3.1	A MINIMIZAÇÃO DA AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA ATRAVÉS DO ESPORTE .....	51
3.2	O CARÁTER SOCIOCULTURAL DAS ATIVIDADES ESPORTIVAS.....	52
<b>4</b>	<b>ESTUDO DE CASO: TEORIZANDO O ESPORTE COMO INTERVENÇÃO SOCIAL FRENTE À LEI 8.069/90: O CASO DO PROJETO “EDUCAR PARA CRESCER”</b> .....	60
4.1	BREVE HISTÓRICO DA CIDADE DE TEIXEIRA DE FREITAS.....	60
4.2	O BAIRRO COLINA VERDE – LOCALIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO.....	62
4.3	A ASSOCIAÇÃO - PROJETO “EDUCAR PARA CRESCER ATRAVÉS DO ESPORTE.....	63
4.4	O PROJETO “EDUCAR PARA CRESCER” E A SUA RELEVÂNCIA SOCIAL NO BAIRRO COLINA VERDE.....	64
4.4.1	O Projeto “Educar para Crescer através do Esporte” e o ECA.....	66
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	68
5.1	LÓCUS DA PESQUISA.....	68
5.2	SUJEITOS DA PESQUISA.....	68
5.3	INSTRUMENTO DA COLETA DE DADOS.....	68

5.4	ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO - RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	71
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>82</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>85</b>
	<b>APÊNDICES</b> .....	<b>90</b>
	APÊNDICE I - QUESTIONÁRIO - FASE EXPLORATÓRIA .....	90
	<b>ANEXOS</b> .....	<b>92</b>
	ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	92
	ANEXO II - FOTOS DOS ALUNOS DA ASSOCIAÇÃO.....	94

## 1 INTRODUÇÃO

A crença de que o esporte é uma área importante e quase sempre positiva de socialização, educação e oportunidade para crianças e adolescentes tem uma longa e muito elogiada história, permeando o século XIX e as origens do esporte moderno em si. Este conceito ou reivindicação tem sido especialmente pronunciado em países (como os Estados Unidos e o Brasil, entre outros) e contextos institucionais (como as escolas) que ainda não têm uma compreensão bem desenvolvida e/ou compromisso com o esporte e seus benefícios na minimização dos problemas de agressividade e violência nas escolas e nos ambientes familiares e extraescolares.

As instituições educacionais, de fato, há muito tempo justificam que as competições atléticas (jogos em geral, aqui incluídos, o futebol, voleibol, entre outros) e a educação física podem ser vistas como meios de construir o caráter, a autodisciplina e atitudes pró-sociais entre os alunos. Entretanto, nas escolas e em uma série de outros âmbitos institucionais, estes ideais têm sido frequentemente compreendidos e implementados de maneiras e abordagens muito diferentes, que parecem estar relacionadas com as populações e características percebidas da população alvo.

Nesse âmbito, sabe-se que os maiores beneficiados com as atividades esportivas deveriam ser as crianças e os adolescentes, pois se encontram em amplo desenvolvimento físico, motor, cognitivo, psíquico e afetivo, em uma fase que começam a construir a consciência de seu próprio corpo. Dessa forma, nas aulas de educação física, o aluno passa a ter oportunidade de vivenciar diversas experiências motoras, pois estas serão determinantes em seu processo de desenvolvimento.

Sendo assim, as atividades esportivas podem desenvolver a consciência da importância do movimento humano, suas causas e objetivos, criando condições para que os alunos possam vivenciar o movimento de diferentes maneiras, tendo um significado e uma relação com o seu cotidiano, além de vivenciar experiências de interação com seus colegas.

Nesse contexto apresentado, podem monitorar a sua própria ação, regulando o esforço, conhecendo as potencialidades e limitações, sabendo distinguir situações de trabalho corporal, aprimorando o desenvolvimento motor bem como aprimorando a resolução de conflitos que surgem na interação grupal.

Nesse aspecto, a criança e o adolescente possuem direitos concernentes a esse público, sendo estes direitos estabelecidos em lei, traçados pela Carta Magna de 1988 em substituição ao Código de Menores, que apresentava uma visão distante da realidade vivenciada pelos menores, que editou a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, dispondo sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (doravante ECA), apresentando uma nova visão sobre os direitos e o tratamento jurídico a ser dado à criança e ao adolescente. Como esse segmento da sociedade não dispõe de meios próprios para a autodefesa, o ECA tratou de introduzir a participação efetiva da família, comunidade, sociedade e do próprio Estado, colocando-os como verdadeiros defensores desses direitos.

Esse estudo, portanto, justifica-se por estar em consonância com o que consta em lei, pois esses jovens são sujeitos de direito, mas encontram-se em vulnerabilidade; e em decorrência dessa condição peculiar, criou-se pelo ECA, uma série de direitos afetos aos menores, o que se denominou de proteção integral, para que os mesmos tenham todas as condições para um desenvolvimento adequado, visando a sua perfeita formação. Assim, ao experienciar as atividades esportivas, os menores estão indo de encontro a alguns direitos que constam em lei – direito ao esporte, ao lazer, à liberdade, à convivência comunitária, entre outros.

Nesse ângulo, no rol dos direitos afetos à criança e ao adolescente, são destacados vários outros, tais como: o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à convivência familiar; todos, extremamente necessários para que haja o adequado desenvolvimento da criança e do adolescente. Em consonância com o supracitado, o princípio fundamental que serve de base para a defesa dos direitos desse público



é o da Proteção Integral expressada no art. 227<sup>1</sup> pela Carta Magna, a Constituição Federal de 1988 – CF/88 (BRASIL, 2003).

O estudo decorreu da necessidade de demonstrar que é preciso que haja uma transformação social plena no Município, o que deveria estar sendo realizado por políticas públicas de inclusão social, construídas através do diálogo permanente entre o poder público e a população. No entanto, associações e outros órgãos têm feito este papel com ou sem parceria dos órgãos competentes.

Assim, é pertinente estabelecer uma compreensão acerca da inclusão social nos bairros e no Município em questão como um todo, uma vez que o esporte é tido como um direito social, garantido pela Constituição. Diante disto, faz-se necessário pensar a dinâmica social imposta pelo sistema político, econômico e educacional vigentes no Município, e neste contexto, a responsabilidade do Estado na consolidação dos direitos da criança e do adolescente ao esporte.

Equacionando esses pontos de vista, a pesquisa justifica-se devido à aproximação entre a comunidade e a associação que é responsável pelo Projeto Educar para Crescer através do Esporte como processo educacional e social, tendo como enfoque, a importância das atividades esportivas para a minimização da agressividade e violência nas escolas, bairros, sociedade, viabilizando a prática saudável de atividades físicas como um exercício para a construção do caráter, aumentando assim, a qualidade dos anseios que reverenciam a vida. Desse modo, as oficinas do projeto em estudo, trazem uma perspectiva para o desenvolvimento das crianças e adolescentes, contribuindo para o processo de formação dos partícipes.

Justifica-se ainda, no âmbito profissional pelo fato de ter se debatido, na atualidade, tanto nos contextos educacional quanto em congressos e seminários, a respeito da criação de projetos e programas sociais, como mecanismo de redução da falta de

---

<sup>1</sup> Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988).

efetivação das políticas públicas de qualidade e estrutura organizacional nos setores públicos básicos para o atendimento à sociedade. De acordo com Horn e Freeland (2015), essas ações acabam por dissimular de alguma maneira, a realidade acerca da qualidade de ensino e do atendimento social. No âmbito pessoal, este estudo justifica-se face ao entendimento de que é necessário buscar melhorias para a qualidade de vida desses jovens que se encontram em condições de vulnerabilidade, fato este que demanda uma realização pessoal.

Sendo este, um projeto piloto audacioso, inclusivo, busca alavancar as atividades esportivas no bairro Colina Verde como uma forma de construção sólida de educação, lazer e esporte. E a partir deste, estenda-se para os mais diversos bairros do Município de Teixeira de Freitas. Assim, a finalidade em cada modalidade esportiva, é a de promover uma maior igualdade social entre os participantes além do direcionamento das formações educacionais (valores) das crianças e adolescentes, visando prepará-los para o exercício da cidadania com disciplina.

Diante desse contexto, tem-se pensado na implantação de projetos sociais, inclusive aqueles que utilizam o esporte como ferramenta de base para assistir a criança e o adolescente. Portanto, o estudo busca como objetivo geral, analisar a relevância do Projeto “Educar para Crescer através do Esporte” à luz da Lei 8.069/90 dentro do processo social e educacional dos participantes das oficinas ofertadas pelo programa, visando à diminuição da agressividade e violência entre crianças e adolescentes no Bairro Colina Verde no município de Teixeira de Freitas.

No mesmo foco apresentam-se os subseqüentes objetivos específicos: a) Assinalar a importância do funcionamento do “Projeto Educar para Crescer através do Esporte” no Bairro Colina Verde no município de Teixeira de Freitas-BA; b) Averiguar a relevância das oficinas do “Projeto Educar para Crescer através do Esporte” para o desenvolvimento social dos partícipes, avaliando os benefícios para o desenvolvimento educacional dos integrantes, contextualizando a prática esportiva na diminuição da agressividade e violência dos alunos na escola e no ambiente em que estudam; c) Identificar os entraves e desafios fundamentais confrontados pela educação e pelo esporte no que se refere aos costumes que possam aperfeiçoar a

integração social, propondo a ampliação do projeto em outros bairros de mesma conotação social do município de Teixeira de Freitas.

O “Projeto Educar para Crescer através do Esporte” faz parte dos programas desenvolvidos pela “Associação Educar Para Crescer, Esporte Mudando Vidas”, situada no bairro Colina Verde, onde o projeto tem sido realizado, tendo por finalidade, o desenvolvimento de crianças e adolescentes através dos esportes, como o xadrez, a educação continuada, o teatro, a arte, entre outras modalidades.

É um programa social criado a partir de um grupo de profissionais da área administrativa e educacional do município de Teixeira de Freitas no Extremo Sul da Bahia. Trata-se de uma pesquisa em que os fatos não podem ser considerados fora de um contexto social, político e jurídico, visando elencar elementos para a construção de um pensamento sobre a relação entre esporte, políticas públicas e inclusão social, a partir de reflexões, indagações e inquietações ao longo da prática profissional na área de Ciências Sociais voltada ao Direito.

Devido à participação e aceitação da sociedade do bairro Colina Verde para com o Projeto, surge o problema de pesquisa: Qual a contribuição do Projeto Educar para Crescer através do Esporte para a formação das crianças e adolescentes partícipes desse programa de práticas esportivas no período de janeiro de 2017 a agosto de 2018? Nesta dissertação, procura-se desenvolver um estudo com o cerne nos objetivos do “Projeto Educar para Crescer através do Esporte”, de maneira que aprimore as ações diárias desenvolvidas na associação. Essa pesquisa foi desenvolvida por base nas seis oficinas que existem na atualidade no Projeto em questão, sendo elas: leitura, futebol de campo, futsal, jiu jitsu e capoeira.

O esporte é de comprovada importância, visto que possibilita às pessoas, uma formação que as levam à compreensão da necessidade de disciplina e regras, procurando uma posição crítica perante à realidade e busca atuar continuamente no processo de construção de uma sociedade mais justa, equânime e plural, trazendo ainda, o argumento dos benefícios presumíveis e a relevância das práticas empregadas pelo gerenciamento das ações esportivas no processo de desenvolvimento social (ABRAMOVAY; AVANCINI, 2012).

Neste âmbito, compreende-se que a prática das atividades físicas através de projetos e/ou programas está sujeito tanto pelo Município – devido à política, às ações e execuções –, como depende da sociedade no que se refere à consciência educacional e atitudes responsáveis com relação à formação familiar, passando a ser, portanto, uma responsabilidade social, visto que é preciso combater os efeitos sem ignorar as causas.

Nestes tempos em que afloram significativas mudanças de paradigmas podem estar sinalizando a migração para um novo contexto social. De que é necessário cuidar das crianças e adolescentes para que no futuro não tão distante, possa-se acreditar em um país mais equânime, com menos violência.

## 2 ANÁLISE DOS DESAFIOS DO EDUCADOR FRENTE À VIOLÊNCIA E AGRESSIVIDADE NAS ESCOLAS

Em primeiro lugar é necessário desmistificar e desnaturalizar o conceito de violência que, nas suas mais diversas manifestações, se configura como uma das expressões da desigualdade social, mais perceptível em nossa sociedade, sendo então também objeto de estudo e intervenção (ASSIS; NASCIMENTO, 2013).

### 2.1 VIOLÊNCIA – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), a violência se caracteriza como o uso intencional da força física ou do poder, real ou ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. Trata-se, pois, de um ato humano (ação ou omissão) que traz prejuízos físicos ou psicológicos a outrem.

Nilo Odalia (2004) contribui relacionando o conceito de violência com situações de privação, destituição. Desse modo, toda a vez em que nos sentirmos privados de algo, estamos sendo vítimas da violência. Portanto,

Com efeito, privar significa tirar, destituir, despojar, desapossar alguém de alguma coisa. Todo ato de violência é exatamente isso. Ele nos despoja de alguma coisa, de nossa vida, de nossos direitos como pessoas e como cidadãos [...]. A ideia de privação parece-me, portanto, permitir descobrir a violência onde ela estiver por mais camuflada que esteja sob montanhas de preconceitos, de costumes ou tradições, de leis e legalismos (ODALIA, 2004, p. 86).

A violência em suas diferentes facetas (estrutural, social, política, física, psicológica, sexual...) está na agenda do dia, presente nas diferentes classes sociais, etnia, idade, cor, orientação sexual. Por isso, como enfatiza Odalia (2004), "vivemos a democracia da violência", pois esta se faz presente nos mais diversos espaços, estando nas favelas, cortiços e nos grandes centros urbanos onde habitam pessoas com elevado poder aquisitivo. Os sujeitos mais abastados têm como se proteger, mascarar o ato de violência, outros menos favorecidos, não têm tantas oportunidades de se proteger.

A violência precisa ser entendida como um produto social e histórico, produzida socialmente nas relações humanas. Quem organiza a estrutura é o próprio homem, tornando a violência um fenômeno mutável e multifatorial, como explica Maldonado décadas atrás:

As pesquisas sobre as causas da violência, feitas em vários países, apontam para um grande número de fatores: a excessiva exposição de crianças e jovens a cenas violentas, na mídia; o abuso de álcool e outras drogas (especialmente a cocaína e o crack); o fácil acesso a armas; o crime organizado; o abuso e a negligência de crianças; a impunidade e a falta de assistência do governo; a miséria e o desemprego. Isso significa que a violência não tem uma causa simples e, portanto, não se pode encontrar uma solução simples, o controle da violência instituída precisa do trabalho coordenado de muita gente, em várias frentes (MALDONADO, 1997, p. 6).

Com base no exposto, percebe-se que a violência possui inúmeros fatores desencadeantes, e as raízes dos problemas relacionados com estes atos precisam ser compreendidas para que possamos pensar formas interventivas. Assim sendo, necessitamos analisar as distintas manifestações violentas.

## 2.2 A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS E A SUA DIMENSÃO SOCIOCULTURAL

A escola, que é um dos essenciais equipamentos sociais, tem sido desafiada dia a dia em articular o conhecimento que é trabalhado no contexto escolar com a realidade social do aluno, ou seja, seus problemas e necessidades sociais. Neste âmbito, torna-se imprescindível e fundamental que a escola inicie a busca do conhecimento da realidade social dos seus alunos, visando também diminuir a distância que a separa do universo familiar.

Na pretensa busca da escola que seja a extensão do lar – a segunda casa do estudante – vale ressaltar que não só os professores, mas também a família são aliados importantes para moldar um estudante para que tenha a capacidade de conviver bem com os outros e adquirir um espírito crítico e apaziguador, capaz de ajudá-lo não só na escola, mas também na vida (SILVA E SALLES; FERREIRA, 2010).

A agressividade e a violência na infância e na adolescência, por exemplo, existem tanto nas camadas menos favorecidas como nas classes média e alta. O que faz a

diferença é a capacidade da família estabelecer vínculos afetivos, unindo-se no amor e nas frustrações, em busca de resoluções.

Alguns autores afirmam que os alunos quando entram em conflito na escola, durante o intervalo que ocorre para a recreação, não conseguem resolver o problema por meio de diálogo. São as agressões físicas e verbais que substituem o diálogo (SILVA E SALLES; FERREIRA, 2010). Esse comportamento de agressividade nas escolas é preocupante já que uma das funções da escola é promover a socialização e a interação com o outro.

Sabe-se que muito tem sido transferido da família para a escola, funções que eram das famílias: educação sexual, definição política, formação religiosa, esporte, lazer, entre outras funções. Com isso, a escola vai abandonando seu foco e a família perde a sua função. Além disso, a escola não deve ser só um lugar de aprendizagem, mas também um campo de ação no qual haverá continuidade da vida afetiva (SOARES, 2003). A escola que funciona como extensão da casa poderá desempenhar o papel de parceira na formação de um indivíduo inteiro e sadio.

Parece até contraditório estar em pleno século XXI em um país em vias de desenvolvimento, tanto na área econômica como na social e se deparar com esse problema que é a violência nas escolas, justamente onde os pais colocam seus filhos para, através do conhecimento, se preparar para a vida em sociedade, mas, no entanto, deparam com diferentes níveis de agressividade, em que muitas vezes, geram a violência, principalmente quando se trata de alunos em fase de pré-adolescência ou adolescência (CHENKMAN, 2014).

Segundo Rego (2001), a agressividade e violência manifestadas pelos adolescentes em sala de aula e especialmente, na hora do intervalo, não são influenciadas apenas pelos meios de comunicação que mostram pessoas violentas e agressivas em filmes e novelas bem como jogos violentos que permeiam o cotidiano dos jovens, mas também, pelo ambiente desestruturado em que vivem, o que dá margem a isso.

É uma preocupação muito grande entender que a agressividade sempre fez parte da história humana em todas as culturas e em todas as classes sociais, portanto, não

se pode considerar que ocorrem casos de agressividade que geram violência com mais frequência nas escolas e sim, que há a violência em vários segmentos da sociedade. E em quase todas as vertentes sociais, já se ouviu comentar casos dessa natureza (UNESCO, 2014).

Antigamente acreditava-se que só as escolas da periferia sofriam com alguns tipos de agressividade entre alunos que podiam até desencadear em violência, hoje ela esta presente em todos os níveis sociais e em todas as escolas, sendo públicas ou privadas. Estas situações nos levam a pensar em dar novas formas para o ensino desde a educação infantil até as seres finais do ensino fundamental bem como o ensino médio, criando situações em que a família possa também fazer a sua parte como educadora, porque é nela que seus filhos recebem a primeira educação, por isso, necessita zelar constantemente por esse processo fundamental para o desenvolvimento integral dos seus filhos (UNICEF, 2015).

É na família que devem ser cultivados os valores essenciais como: afeto, respeito, autoestima, responsabilidade e solidariedade. São qualidades relevantes para o processo de pertencimento e favorecimento da individuação dos filhos (PIAGET, 2003). A responsabilidade institucional de ensino é da escola, entretanto, a responsabilidade de educar na plenitude, é da família. Entretanto, a parceria entre a família e a escola precisa buscar e desenvolver estratégias para lidar com esse comportamento agressivo das crianças e adolescentes (SILVA E SALLES; FERREIRA, 2010).

É importante que a escola crie metodologias para sanar a violência e assim, promova a socialização entre as crianças fazendo com que elas se sintam comprometidas com o estudar e o brincar, bem como motivadas a ter respeito e cuidado com o próximo (SILVA E SALLES; FERREIRA, 2010). Estudos como de Piaget (2003) têm revelado que as atitudes muitas vezes concebidas como imorais ou de desrespeito, como é o caso da agressividade escolar, podem ser decorrentes das interações que são estabelecidas.

Piaget (2003) encontrou dois tipos de interações na sociedade: de coação e cooperação, sendo que cada uma delas decorre de um tipo de formação moral. Por



isso, sendo a escola um ambiente formador da moral precisa repensar sua atuação frente ao aluno para que se trabalhe com a educação, o ensino, as atividades artísticas e esportivas de forma direta para que possa diminuir a agressividade entre alunos e também, entre alunos e professores, pois diversas vezes os alunos faltam com o respeito aos professores e vice-versa, é preciso mencionar.

O professor pode buscar maneiras de organizar suas atividades explorando a sensibilidade desses alunos, assim não terá dificuldades ao continuar com esse processo educativo em sala de aula e fora dela em espaços extraescolares. Nesse sentido, Duarte Junior (2005, p. 34) ressalta que:

A educação, que deveria significar o auxílio aos indivíduos para que pensem sobre a vida que levam, que deveria permitir uma visão do universo cultural em que estão inseridos, se desvirtua nas escolas. Impõe-se uma visão de mundo e transmitem-se conhecimentos desvinculados das experiências de vida. Em suma: preparam-se pessoas para executar um trabalho parcializado e mecânico, no contexto social; pessoas que se preocupam apenas com o seu trabalho [...], sem perceber como ele se liga a todos os outros no interior da sociedade. No fundo isto se constitui mais num adestramento do que numa educação.

O acompanhamento escolar sistemático dos filhos é fator preponderante para o fortalecimento dos laços afetivos da família e para um desenvolvimento educacional saudável e satisfatório. Os pais participam da vida escolar dos seus filhos exercendo a determinação do que acontece na escola. Algumas vezes, teme-se a participação de certos pais que, sendo muito eloquentes e de temperamento forte, tentam impor sua vontade sobre procedimentos escolares e que muitas vezes funcionariam mais para facilitar a sua própria vida ou de seus filhos, do que melhorar a qualidade do ensino, conforme percebido por gestores e professores (SILVA E SALLES; FERREIRA, 2010).

Nesse âmbito, é necessário que se realize um trabalho que promova a superação dessa dificuldade e tomar a iniciativa de promover encontros, realizar reuniões e palestras com os pais, abrindo-se para apoiar as famílias como forma de promover a integração dos mesmos ao seu trabalho. Quando os pais passam a ser participantes ativos das reuniões e encontros realizados, são estimulados e são propensos a participar e contribuir na vida escolar e melhoria da qualidade de ensino-aprendizagem de seus filhos.

Cabe aos pais a educação dos filhos, mas, quando a escola e a família andam juntas neste propósito, tudo se torna mais fácil em relação à promoção da aprendizagem significativa. Quanto maior a participação dos pais na escola, maior as possibilidades de diminuir-se os níveis de agressividade entre os educandos.

### 2.2.1 O impacto social da violência na vida cotidiana dos educandos e a legislação vigente – Lei 8.069/90

Atualmente, diante da globalização, veem-se muitas mudanças ocorrendo na vida dos adolescentes. Os fatos recentes de filhos de famílias de classe média ou alta também se entregarem à violência suscitam a questão da autoridade dos pais como princípio criador de limites. Mas, não se pode colocar toda a culpa na família e no pai/mãe. Ela possui hoje muitos substitutos e concorrentes que a sobredeterminam.

A tarefa da vida, carregada de tensões, ansiedades, fracassos e vitórias, começa a despontar de forma abrupta na adolescência. Não dar importância a tal fato é fazer injustiça aos jovens e, no fundo, não entendê-los nem acompanhá-los no desabrochar de sua humanidade. Por outro lado, sabe-se que a regra macro da educação é saber impor limites e, às vezes, até sancionar. Esta diligência incômoda, mas intransferível, cabe à figura do pai ou de quem ocupa o seu lugar como responsável pela criança ou adolescente.

Em relação à legislação vigente que protege o adolescente, sabe-se que há vinte e nove anos da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei 8069/90 – o Brasil ainda se depara com uma realidade social marcada pela ausência ou precariedade de políticas de atenção a este segmento social. Embora o ECA preconize a proteção integral às crianças e adolescentes, pode-se ainda afirmar que princípios postulados na lei anterior – o Código de Menores de 1979 – até hoje orientam muitas das políticas executadas pelos governos do país (ECA, 2002).

Tais políticas enfatizam a repressão e assistência precisas às crianças e adolescentes que estão em situação de miserabilidade e/ou em situação de ‘ameaça social’, em detrimento de ações de proteção e promoção para a cidadania. Isto,

entretanto, deixa de ser surpreendente quando considera-se a história das práticas e concepções que permeiam as políticas de atenção ao segmento social em questão.

Os adolescentes estão amparados pelo ECA, conforme assinala Marçura (2002), têm na doutrina da proteção integral, o seu fundamento. Em tal doutrina, as crianças e os adolescentes são sujeitos de direitos, frente à família, à sociedade e ao Estado. Rompe-se assim com a ideia de que sejam apenas objetos de intervenção do adulto. Eles são elevados à condição de sujeitos de direitos comuns a toda e qualquer pessoa, e, ainda, detentores de direitos especiais decorrentes da condição peculiar de pessoas humanas em processo de desenvolvimento.

Assim, em concordância com os princípios da Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança/ONU-1989, o ECA determina que a proteção a essa população seja responsabilidade não só do juiz ou da família, mas de toda a sociedade:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (ECA, 2002, art. 4º).

Diante disto, surge uma indagação: Quais as situações em que os direitos da criança e do adolescente devem ser garantidos com absoluta prioridade? O ECA determina em seu artigo 4º, parágrafo único, que eles devem ter primazia em receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias; precedência de atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública; preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas; destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude (ECA, 2002).

Considerando-se o quadro político dentro do qual o ECA foi concebido, não é surpreendente que ele tenha se ocupado de estabelecer mecanismos que pudessem produzir uma real implementação da política de assistência a crianças e adolescentes, com destaque para as instâncias de 'controle social' (CORREIA, 2002). Dessa forma, pode-se, portanto,

Requisitar serviços públicos nas áreas de saúde, educação, serviço social, previdência, trabalho e segurança; requisitar certidões de nascimento e de óbito de criança ou adolescente quando necessário; assessorar o poder executivo local na elaboração da proposta orçamentária para planos e programas de atendimento dos direitos da criança e do adolescente; encaminhar ao Ministério Público notícia de fato que constitua infração administrativa ou penal contra os direitos da criança e do adolescente; representar junto à autoridade judiciária nos casos de descumprimento injustificado de suas deliberações; representar ao Ministério Público, para efeito das ações de perda ou suspensão do Pátrio Poder (ECA, 2006, art.136).

No ano de 2000, o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA<sup>2</sup> elaborou para o período de 2001 a 2005, as Diretrizes Nacionais para a Política de Atenção Integral à Infância e à Adolescência:

O CONANDA estabelece as Diretrizes Nacionais como um conjunto de instruções que irão direcionar os procedimentos nas áreas das políticas sociais e de temas focais que orientarão a organização, a articulação, o desenvolvimento e avaliação de programas executados pelos órgãos governamentais e pela sociedade civil (CONANDA, 2000, p. 12).

As Diretrizes destacam os seguintes eixos: **Educação**, Saúde, Assistência Social, Cultura, **Esporte e Lazer**, Ações Especiais, Conselhos de Direitos, Conselhos Tutelares e Fundos e Mecanismos de Exigibilidade de Direitos (CONANDA, 2000) (grifos meus).

O Conselho de Direitos da Criança e do Adolescente<sup>3</sup>, enquanto órgão de controle social é constituído de forma paritária com representantes governamentais e representantes da sociedade civil e tem como função prioritária, deliberar acerca das políticas para a infância e adolescência (CORREIA, 2002).

A personalidade civil de qualquer pessoa começa com o seu nascimento, mas desde a sua concepção, seus direitos são resguardados (conforme art. 2º do Código Civil Livro I: das pessoas) (CONANDA, 2000). Portanto, desde o nascimento, todos têm a capacidade de gozo e de direito, mas não de exercício, devido a fatores como o tempo, que impõe a questão da maioridade e minoridade.

---

<sup>2</sup> Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA - foi criado pelo Decreto nº 408 em dezembro de 1991, um ano depois de existência do ECA. O CONANDA realizou sua primeira assembleia em março de 1993.

<sup>3</sup> Os Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente são assim identificados: a nível Municipal - CMDCA; a nível Estadual - CEDCA e a nível Nacional - CONANDA.

A criança e o adolescente são incapazes de exercer os seus direitos com pleno discernimento do que é bom ou ruim para a sua vida, e por isso, tal poder de decisão é intitulado aos representantes legais, podendo ser os próprios pais, ou parentes que tenham a guarda ou seus tutores. Além disso, não importa que a criança ou adolescente esteja sobre a guarda de alguém, seja ele, pai, mãe, parente, tutor ou afins, é necessário que seu representante lhe ofereça um lar com ambiente agradável e livre de excessos que negligenciem o seu perfeito desenvolvimento, como o uso de drogas, entorpecentes, a violência, assédio físico ou moral, ou ainda, o trabalho escravo.

Embora todas essas questões, direito à vida, à saúde, ao respeito, à liberdade, à dignidade e à convivência familiar e comunitária sejam assuntos expressos no ECA, que é um estatuto brasileiro, considerado, até pelos países mais desenvolvidos, uma lei muito avançada, vemos que tal estatuto causa uma complexa divergência intraestatal, onde por um lado, verifica-se que o estatuto é ignorado quanto à prostituição, a violência física e verbal e ao trabalho infantil (ASSIS; NASCIMENTO, 2013).

Por outro lado, a ‘mesma’ criança ou adolescente vitimada pela violência discrepante, também se utiliza dessa legislação para a prática de crimes como roubos, sequestros, assassinatos e o tráfico. Nestas complexas distorções, existe a ocorrência, atualmente, da questão, sobre onde estaria o exato problema com o estatuto, sendo ele tolerante demais ou reservado de certo teor de impunidade.

Fazendo uma análise detalhada, não seria, talvez, o estatuto que acoberta a criminalidade infantil e desprotege aqueles que sofrem com a violência e a impunidade resultantes deste mesmo estatuto? O problema estaria na forma da aplicabilidade da lei, ou mesmo naqueles que devem fazer a lei valer, mas também, é um problema causado pela própria sociedade, como um todo, ela é omissa e parálitica em relação a tais situações conflitantes (ASSIS; NASCIMENTO, 2013). Este é o grande desafio posto para esse 3º milênio, identificar os avanços e os limites do que foi implementado até agora enquanto política pública de garantia dos princípios contidos no ECA. O que há ainda por fazer? Como fazer?

O que após mais de vinte e nove anos de existência do novo ordenamento jurídico na área da infância e adolescência pode-se, de fato, verificar quanto à concretização do rompimento com o velho paradigma da 'situação irregular' e a consolidação do novo paradigma da Proteção Integral? É também nessa perspectiva, que se buscam elementos que possam responder tais questões e, ainda, identificar nas políticas existentes, hoje, para a atenção a criança e ao adolescente em situação de risco social por envolvimento com drogas, o princípio da proteção Integral, pois acredita-se que deva ser esta, a orientação básica e fundamental para a construção de políticas públicas que almejem ser verdadeiramente eficazes, eficientes e efetivas.

Nas escolas onde ocorre a violência entre estudantes e seus colegas e até entre estudantes e seus professores, percebe-se que alguns adolescentes desse grupo já se envolveram com pequenos furtos, com drogas e já ficaram detidos por um determinado tempo. Outros apresentam dificuldades em se relacionar com a família e com a escola. As meninas, muito jovens, demonstram ainda, um grande interesse em namorar. Algumas passam pelo problema da gravidez na adolescência. Diante dessa situação exposta, não é tão difícil deduzir acertadamente que há grande possibilidade desses jovens em um futuro próximo estarem à margem da sociedade, alguns representando uma ameaça para a mesma, outros desamparados sem uma profissão, além da possibilidade de constituírem famílias precocemente sem nenhum planejamento, aumentando assim, o quadro problemático.

Os problemas existem, na educação em geral, e se dão devido ao rebaixamento cultural associado ao sistema capitalista predatório implantado no país desde o Império e estimulado pelo regime autoritário (AGUIAR, 1988). As resoluções desta crise na educação não se baseiam apenas em saber onde se enraízam as deficiências. De acordo com o autor esse é um processo coletivo e histórico que não pode ignorar a contribuição do saber, e que só se efetiva pela ação social.

De acordo com Assis e Nascimento (2013), com a Constituição Federal de 1988, as políticas sociais, obtiveram o caráter de direito do Cidadão e dever do Estado. As intervenções têm como objetivo a qualidade de vida, a justiça social, a equidade e a ampliação da cidadania.

### 2.3 CENÁRIOS DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA: ALUNO X PROFESSOR E ALUNO X ALUNO

São distintas as faces da violência escolar entre aluno e aluno e entre alunos e professores, por isso verifica-se a complexidade do seu enfrentamento. Reflexões nesse sentido têm grande relevância em um momento histórico em que assistimos o acréscimo dos casos de violência, estabelecendo que os profissionais, principalmente os professores e gestores, procurem ações competentes direcionadas à construção de uma escola não-violenta em que imperem o respeito e a solidariedade, visando a harmonia entre os pares, com vistas a um ensino de qualidade e uma aprendizagem significativa.

Serra (2014) afirma que a violência em sala de aula contra professores foi um dos temas destacados por internautas em *posts* do *facebook* e no *twitter* como um dos que deveria receber mais atenção por parte dos candidatos presidenciais, dos governantes de caráter nacional, regional e municipal, em uma consulta promovida pelo *#salasocial*, o projeto da BBC Brasil, que usa as redes sociais como fonte de histórias originais.

Ao buscar dados sobre a violência escolar, o Ministério da Educação (doravante MEC) diz não ter dados unificados sobre a violência escolar. Entretanto, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (doravante INEP), órgão ligado ao ministério, reconheceu que a temática faz parte da Prova Brasil – uma avaliação nacional com respostas voluntárias de professores, alunos e diretores. Os últimos dados de 2011 foram tabulados a pedido da BBC Brasil (INEP, 2014).

Assim, “os resultados apontam que um terço dos professores que responderam ao teste disse ter sido agredido verbalmente por alunos. Um em cada dez afirmou ter sofrido ameaças. Aproximadamente um a cada 50 apanhou de estudantes” (SERRA, 2004, p. 2). Ao serem tabulados, estes dados foram colocados em porcentagem, conforme Tabela 1:

TABELA 01 - VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS – PROVA BRASIL

PERGUNTAS PARA PROFESSORES	SIM	TOTAL
Você foi ameaçado por algum aluno?	19.588 (9,6%)	223.253
Você foi agredido verbalmente por algum aluno?	73.857 (33%)	223.019
Você foi agredido fisicamente por algum aluno?	4.195 (1,9%)	224.991

Fonte: INEP (2014).

Percebe-se através do gráfico que, segundo dados conclusivos do INEP (2014), em relação à violência nas escolas brasileiras no ano de 2014, quantitativamente, os professores em um percentual altíssimo (33%) já foram agredidos verbalmente por algum aluno; alguns foram ameaçados (9,6%) e um percentual menor (1,9%) já foi agredido fisicamente, o que já é um dado bastante preocupante.

A socióloga Miriam Abramovay, que pesquisa o tema com profundidade, inclusive tem passagens pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura - Unesco, Banco Mundial e o Fundo das Nações Unidas para a Infância - Unicef diz que a sociedade é muito simplista e tem culpado as crianças e os adolescentes por tudo que acontece. Ela afirma que: “a escola tem culpa, porque se isola das comunidades e não se atualiza. E os professores têm péssima formação, simplesmente não conseguem, e muitas vezes nem tentam, conquistar os alunos”, diz. “No fim, todos são vítimas” (ABRAMOVAY apud SERRA, 2014, p. 2).

A socióloga pesquisadora afirma que o descompasso está na desvalorização do ensino. Ela afirma que “a estrutura das escolas parou no século 19, os professores dão aulas como no século 20 e os alunos, sempre conectados, vivem no século 21” (ABRAMOVAY apud SERRA, 2014, p. 3). Nesse ínterim, a relação estabelecida entre professor-aluno não mudou muito e os educadores não sabem lidar com os alunos que antes se encontravam nas ruas, do lado de fora da escola. Diversos têm uma idade avançada e estão em defasagem idade/série.

Nem sempre a violência tem a ver com o seu entorno, visto que existem escolas que estão situadas em bairros extremamente violentos e os resultados de aprendizagem são satisfatórios. Em contraponto, existem colégios de classe média alta, particulares, com enormes problemas de relacionamento entre os seus alunos e entre alunos e professores.



Nessa perspectiva apresentada, o papel do professor é imprescindível, pois pode trazer o trabalho participativo, envolvendo pais e alunos na construção de regras e do currículo escolar, como caminho para reduzir a resistência e a agressividade. Muitas vezes, a escola não é protegida e nem é protetora, apesar dos muros ali existentes.

O educador Jorge Werthein, presidente da Unesco no Brasil entre 1996 e 2005, também diz que a escola “precisa ser acolhedora” e critica a formação dos colegas. E segue afirmando que, os educadores precisam se dar conta “da violência que eles próprios exercem sobre os alunos” (WHERTHEIN 2010 apud SERRA, 2014, p. 4).

Os alunos, na atualidade, fazem mau uso do celular em sala de aula. Querem ficar conectados e não querem prestar atenção nas atividades e nas explicações orais. É comum o professor reclamar, mais de uma vez, e ao tentar guardar o celular do aluno ou apreendê-lo momentaneamente, ao chamar sua atenção, corre o risco de ouvir ‘se a professora não tem medo de morrer’. Muitas vezes, a professora não se intimida, sorri e continua passando a lição. Em outras vezes, se irrita e pede o auxílio da coordenação ou direção.

Inclusive têm brigas combinadas também. “Os alunos fingem estar dando porrada para o professor vir separar e apanhar também”. Muitos professores consideram que a escola, hoje, seria “um espaço de conflito”. “Os professores não são santos que caíram do céu e vêm educar com toda a candura”. “Sempre que passo pelo pátio me chamam de vagabunda. O educador tenta legitimar a sua autoridade, não consegue, e aí revida”, disse uma ex-professora da rede pública, que não quis se identificar (WHERTHEIN 2010 apud SERRA, 2014, p. 4).

Nesse contexto, alguns membros do corpo pedagógico afirmam que o maior problema da escola é a indisciplina, a falta de respeito, de responsabilidade, de educação que deveria ter sido recebida em casa. Alguns professores não apontam os responsáveis por essa situação, mas dizem que a indisciplina é causada pela falta de limites. Em contrapartida, alguns pais entrevistados julgam que a indisciplina resulta do fato de que é uma escola enfadonha, com professores que não se

preparam, não estão interessados em dar aula, querem mais é se livrar das aulas e trabalham com programas caducos (ABRAMOVAY; AVANCINI, 2012).

Na pesquisa realizada pela Unesco (2014), muitos alunos informaram que mantinham uma relação satisfatória com os seus professores e que eles valorizavam mais àqueles que dialogavam com eles nas aulas e se preocupavam em ouvi-los. Gostavam mais dos professores que os incentivava a pensar no futuro e para tanto, precisavam estudar bastante. Valorizavam mais os professores que se preocupavam com o bom desempenho deles e davam conselhos e eram amigos.

Nesses momentos de descontração nas aulas, em que um conteúdo mais difícil é dado, faz com que os alunos tenham mais vontade de aprender, visto que o conteúdo programático é passado de forma mais interessante permeando alguns diálogos e retomadas do conteúdo, o que facilita bastante a aproximação ente aluno e professor. Os alunos na escola se sentem valorizados quando são perguntados sobre as principais decisões a serem tomadas na instituição. O fato de fazerem parte destes questionamentos faz com que se sintam mais valorizados e aumentam a autoestima.

Os alunos ficam revoltados com aqueles professores que simplesmente transmitem o conteúdo e não querem maiores aproximações entre eles. Segundo Abramovay e Avancini (2012, p. 36-37),

A falta de comunicação entre professores e alunos causa muita revolta nos estudantes, independentemente da idade ou da série em que se encontram. É possível que essa atitude afete a autoestima dos jovens, incomodados com o fato de serem ignorados. Muitos alunos informaram manter relações satisfatórias com os professores, que são seus principais interlocutores depois dos colegas, sejam essas relações cordiais ou não. Há uma forte crítica aos professores cuja preocupação se restringe ao repasse de conteúdo, sem interesse em interagir com a turma.

Outro fator importante aqui a ser analisado é a violência entre os próprios alunos. Miriam Abramovay, professora da Universidade Católica de Brasília e coordenadora do Observatório de Violências nas Escolas-Brasil, já mencionada anteriormente, e ainda, Marta Avancini, coordenadora da Unesco, em seus entendimentos e estudos sobre o tema, informam que a escola, por excelência, é o local dedicado à educação e à socialização da criança e do adolescente, mas acabou se transformando em um

local de agressão, autoritarismo e desrespeito mútuo e acabou por se transformar, também, em um preocupante problema social (ABRAMOVAY; AVANCINI, 2012).

O pano de fundo para esse cenário, na visão das autoras citadas, é o fato de que as escolas perderam o vínculo com a comunidade e encontram-se incorporadas à violência diária do espaço urbano. Por fim, a escola não é mais considerada o porto seguro para os jovens estudantes. Nesse contexto,

Nos últimos anos do século XX e nos primeiros do século XXI a preocupação com a violência nas escolas aumentou e tornou-se questionável a ideia de que as origens do fenômeno não estão apenas do lado de fora da instituição – ainda que se dê ênfase, em especial, ao problema do narcotráfico, à exclusão social e às ações de gangues (ABRAMOVAY; AVANCINI, 2012, p. 30).

Diante dessas afirmações, precisa se fazer profundas análises acerca da violência gerada nas relações entre os alunos e não apenas restringir-se às transgressões praticadas por esses estudantes. Vários pesquisadores brasileiros têm buscado as causas e os efeitos da violência nas escolas e os impactos sobre os alunos, os professores e o corpo administrativo e técnico das instituições de ensino (SERRA, 2014).

Apesar de que os estudos ainda sejam incipientes, por terem o foco em grande parte nas situações regionais ou locais, os resultados alcançados assinalam os fundamentais tipos de violência e dentre eles, podem ser citados, a violência verbal, física, simbólica, racial e a psicológica, entre outras.

Para que se compreenda o fenômeno da violência nas escolas, é necessário que se leve em conta, os fatores externos e internos à instituição de ensino conforme relatam Abramovay e Avancini (2012, p. 31).

No aspecto externo, influem as questões de gênero, as relações raciais, os meios de comunicação e o espaço social no qual a escola está inserida. Entre os fatores internos, deve-se levar em consideração a idade e a série ou o nível de escolaridade dos estudantes, as regras e a disciplina dos projetos pedagógicos das escolas, assim como o impacto do sistema de punições e o comportamento dos professores em relação aos alunos (e vice-versa) e a prática educacional em geral.

Na atualidade, percebe-se que a escola encontra-se mais vulnerável a fatores e problemas externos, como o desemprego e a precariedade da vida das famílias nos

bairros pobres. E com a massificação do acesso, “Todos na escola”, verifica-se que a unidade de ensino tem recebido jovens afetados por experiências de exclusão e de participação em gangues. Fazendo uma análise pelo prisma social, observa-se que esses fatores externos de vulnerabilidade se adicionam àqueles que decorrem do aumento das condutas inadequadas ou não habituais na escola.

Mesmo que os fatores externos impactem e influenciem sobre a questão da violência escolar, é preciso que se criem, no interior das escolas, possibilidades para que se construam formas que propaguem culturas alternativas pela paz, adotando estratégias e capital próprios. Nesse ínterim,

O Fundo das Nações Unidas para a Infância e Adolescência (UNICEF), por exemplo, entende que a questão da violência nas escolas deve ser tratada sob a perspectiva da garantia de direitos e da qualidade da educação. Isso significa que as escolas, assim como os serviços de saúde, a assistência social, os Conselhos Tutelares e outros mecanismos e instituições, são vistas como “agentes protetores” das crianças e dos adolescentes. Ou seja, têm um papel estratégico na defesa dos direitos dessa faixa etária (ABRAMOVAY; AVANCINI, 2012, p. 30).

Os alunos e membros do corpo técnico-pedagógico que participaram da pesquisa da Unesco (2014) afirmam que é nas cercanias da escola que mais ocorrem situações violentas por motivos vários, racismo, ciúme da namorada ou dos amigos, briga por espaço na escola para que saibam quem é que manda, brigas porque tomam as dores dos amigos que foram magoados, brigas de gangues, briga por ponto de drogas e distribuição dentro da escola, entre tantos fatores igualmente importantes.

Eles também apontam a vizinhança como um dos principais problemas da escola. Apesar disso, um quinto dos alunos e um quarto do corpo pedagógico asseguram que as dependências da instituição são ainda mais violentas do que o seu entorno, o que descaracteriza o ambiente escolar como espaço confiável e protegido (ABRAMOVAY; AVANCINI, 2012).

Muitos alunos têm acesso à bebida alcoólica fora da escola, o que é, reconhecidamente, um motivador da violência. Em 63% das escolas observadas na pesquisa da UNESCO, verificou-se que os alunos frequentam bares ou botequins próximos à escola, algumas vezes desviando do seu trajeto e faltando às aulas. A falta de segurança também é apontada, apesar de não existir consenso em relação

à conveniência da vigilância policial. Muitos acreditam que seria ainda pior (ABRAMOVAY; AVANCINI, 2012).

Um dos maiores problemas, em muitas escolas, é a formação de gangues ou o tráfico de drogas no espaço escolar ou no seu entorno, levando a um total clima de insegurança. Isso fragiliza a autoridade dos responsáveis pela ordem na escola a tal ponto que ficam imóveis, com receio de sofrer represálias. Em muitos casos, os traficantes utilizam vendedores ambulantes e até alunos para a venda e distribuição de drogas. São os chamados “aviões”. As gangues, por sua vez, interferem na vida da escola de várias formas: ameaças a alunos, demarcação de territórios onde uns podem entrar e outros não, atos de vingança, clima de tensão e outras barbaridades.

A pesquisa da Unesco revelou aspectos curiosos em relação ao ambiente escolar. O primeiro está relacionado à estrutura física do estabelecimento, em geral separado do entorno por muros, cercas e grades. Significativa parcela dos alunos critica a qualidade do ambiente físico, principalmente as salas de aula, os corredores e pátios, embora ainda gostem da escola. Os locais que os alunos preferem são a cantina ou a lanchonete, a biblioteca, e, quando há, o centro de informática, o ginásio de esportes, o laboratório e o pavilhão de artes (ABRAMOVAY; AVANCINI, 2012).

Desse modo, urge à necessidade de que o cotidiano das escolas seja um ponto crucial na discussão de governantes e estudiosos do tema. Assim, “educação e segurança estão sempre no topo das preocupações”. E há cruzamento entre estes temas. “Num país como o Brasil, com taxas de morte tão altas (somos um país sem guerra), os conflitos são resolvidos sempre de forma violenta. Dentro da escola inclusive” (SERRA, 2014, p. 4).

Nesse contexto, a violência na escola não é algo que vem só da vizinhança, das famílias, é algo que faz parte da nossa sociedade e aparece em todos os setores. É preciso que se estabeleça uma nova cultura da solução não-violenta de conflitos, que deve ser construída dentro das escolas e para tanto, como mediador desses conflitos e em busca de soluções possíveis, há a necessidade de um professor apaziguador/mediador e um profissional da assistência social no cotidiano escolar.

O caminho não é, deste modo, acrescentar os mecanismos de repressão, entretanto deve-se ampliar a prevenção por meio da educação e da disseminação de uma cultura pacífica. Escolas têm que discutir violência! Só assim se transformam as coisas – e essa responsabilidade está nas mãos dos gestores, professores, governantes, sociedade, pais de alunos, através da mediação do educador e gestores nas escolas cotidianamente.

#### 2.4 OS DESAFIOS DOS DOCENTES E GESTORES NO ATENDIMENTO AOS ALUNOS E PAIS FRENTE À VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Torna-se comum ver e ouvir nos órgãos midiáticos das redes sociais, nas TVs e nas manchetes de jornais, o anúncio dos últimos incidentes de violência nas escolas, o que tem se tornado comum, e muitos são os apelos para soluções, inclusive têm sido abertos debates dos órgãos responsáveis pela educação.

Assim, é preciso, que os educadores em consonância com todos os envolvidos com a unidade escolar promovam e estabeleçam o valor de uma abordagem comunitária para auxiliar os alunos com problemas, antes que eles sintam a necessidade de agir com violência (PELT, 2012). Inclusive, se necessário, podem pedir a colaboração de um assistente social, psicopedagogo ou afins.

A maioria das crianças e adolescentes passa grande parte de suas horas diárias, dentro da responsabilidade dos sistemas de ensino, portanto as escolas precisam ser seguras e transmitir segurança. Como as escolas assumem a responsabilidade por estes jovens, elas têm a obrigação de fazer o possível para mantê-los seguros (HORN; FREELAND, 2015).

As escolas estão potencialmente em risco de ocorrência de violência devido à sociedade encontrar-se bastante desestruturada em torno do ambiente em que circundam estes jovens. Portanto, deve-se implementar nestes ambientes, projetos de intervenção social, sendo esta uma prática comum para diminuir os mais recentes incidentes de altos perfis de violência escolar (PELT, 2012).

A escola vem enfrentando sérios problemas no seu cotidiano, associados ao fracasso escolar, a violência, a evasão escolar, ao desrespeito às regras institucionais e a falta de limites, ficando a cargo da mesma, responsabilidades que antes eram compartilhadas com a família. Essa indisciplina é um grande problema na atualidade e tem refletido na qualidade do ensino.

Amaro (1997) pontua que tanto os educadores quanto os Assistentes Sociais partilham desafios análogos, e têm a escola como ponto de encontro para enfrentá-los. Tem-se a necessidade de pensar em ações eficazes em relação aos problemas sociais que refletem e implicam de maneira negativa no desempenho do aluno e leva o educador pedagógico a apelar para os serviços de profissionais ou de projetos sociais.

Pensar na parceria família/escola requer então aos professores, inicialmente, uma tomada de consciência de que, as reuniões baseadas em temas teóricos e abstratos, reuniões para chamar a atenção dos pais sobre a lista de problemas dos filhos, sobre suas notas, reuniões extensas, sem planejamento adequado, em que só o professor, coordenador ou diretor opinam, são desaconselháveis, e não têm proporcionado a abertura para o início de uma proposta de parceria, pois os pais faltam às reuniões, ou conversam paralelamente, e parecem, de fato, não se interessarem pela vida escolar das crianças e/ou adolescentes.

Desta forma, a construção dessa parceria é função inicial dos professores, pois transferir essa função à família somente reforça sentimentos de ansiedade aos pais, uma vez que eles não são os especialistas em educação, psicologia, assistência social, didática ou sociologia, enfim, é necessário evitar o afastamento da família em relação à escola (HORN; FREELAND, 2015).

Com a colaboração do professor em parceria com os gestores, espera-se criar espaços entre a família, o educando e a escola, concernentes à cumplicidade, cooperação, respeito e trocas, valorizando as diversas fontes de conhecimento com vistas a amenizar problemas de agressividade e violência nas escolas. Para Pelt (2012), é preciso que adotem estratégias que aproximem a família da escola,

através de culminância de ações, reuniões, envolvendo o Conselho Escolar, Conselho Tutelar, entre outros órgãos participativos do processo educacional.

Também necessitam realizar visitas à casa dos alunos, cujos pais são ausentes na escola, para conhecer a realidade e a história de vida dos mesmos para assim, compreendê-los e saber tomar atitudes em cada caso, de acordo com a sua especificidade, o que denota um trabalho contínuo e árduo.

Faz-se necessário trabalhar no sentido educativo de revolucionar consciências, de proporcionar novas discussões, de trabalhar as relações interpessoais e grupais (HORN; FREELAND, 2015). São diversas situações que ocorrem de violência nas escolas em que o professor e/ ou gestor precisa ter um dialogo entre escolas, pais e adolescentes com vistas a proporcionar oportunidades para esses alunos a se envolver com modelos positivos e ampliar as oportunidades de aprendizagem (PELT, 2012).

Inclusive muitos professores salientam que se fazem necessários projetos sociais que diminuam a agressividade e a violência na escola entre os alunos. Tanto os professores quanto os gestores estão numa posição única para contribuir para os esforços de gestão de crises em suas escolas devido à violência e outros fatores. Inclusive, além de auxiliar os alunos em comportamentos extremos, auxilia ainda, os professores e funcionários a lidar com problemas que possam surgir, incluindo as consequências de um incidente violento. Portanto, gestores e professores, ambos promovem o valor de ter projetos sociais que auxiliem as escolas na minimização de conflitos (HORN; FREELAND, 2015).

O papel do trabalho social é fundamental para muitos estudantes. Muitos educadores são qualificados para identificar fatores de proteção ou de risco que podem ser importantes para o resultado de qualquer criança. Eles são aptos ao enfrentamento da violência escolar, visto que podem analisar o comportamento de escolares expostos a traumas ou outros problemas afins.

A violência, nas suas mais diversas facetas – violência estrutural, social, política, física, psicológica, sexual, negligência, abandono – se constitui como objeto de



estudo e intervenção do profissional educador e também do profissional da área de Serviço Social (MALDONADO, 1997). Muitas crianças e jovens agressivos, muitas vezes sofrem em silêncio a partir de feridas invisíveis que podem não ser aparentes para professores e até mesmo para os pais. Muitas crianças expostas à violência muito cedo têm maiores chances de expulsão, suspensão, absenteísmo e notas de leitura mais baixas (PELT, 2012)

Cabe ao educador, olhar de que maneira pode mudar isso em escolas contando com o apoio dos coordenadores e gestores para identificar as crianças (em risco) mais cedo, e para modificar o quadro fazendo as suas intervenções clínicas para ensinar currículos que podem modificar na sala de aula, nestes casos como abordar temas relacionados à união, amor, carinho, paz e respeito mútuo. Desse modo, a violência nas escolas é evitável.

Assim, os gestores, educadores e pais e/ou responsáveis dos alunos precisam apoiar o desenvolvimento de projetos extraescolares, dando ainda, uma maior atenção à comunidade em que a criança ou o jovem se encontram inseridos como um todo neste modelo de necessidade de um apoio social (HORN; FREELAND, 2015).

Observam-se nas escolas vários fatores: professores e alunos estressados, escolas carentes de serviços de apoio para lidar com crianças que trazem problemas pessoais e familiares à escola todos os dias. Acrescente a isso, a mistura potente que se tem quando são crianças de bairros diferentes, pertencentes a diferentes grupos bem heterogêneos, que encontram-se na mesma série.

A violência nas escolas é evitável desde que seja abordada em várias frentes. É também uma questão de debate, em que os professores, gestores e familiares precisam se encontrar para analisar formas de aliviar e prevenir a violência escolar. É preciso resolver os problemas antes que eles se transformem em violência explícita (PELT, 2012).

É preciso ter um entrosamento em reuniões informativas e positivas com a escola e com os pais da comunidade envolvida, regularmente, todos os meses. O foco está em ajudar os alunos e professores a desenvolver habilidades de comunicação que

lhes permitam abordar e lidar com os problemas, antes que eles explodam em violentos confrontos na sala de aula, na escola ou nos extramuros escolares.

A mediação de conflitos também está disponível para todos os alunos da escola; os alunos precisam ter apoio em quem deve fazer a abordagem e pedir-lhes para intervir em um conflito para que eles possam evitar ter de brigar antes, durante ou depois da escola (PIAGET, 2003).

O educador deve também, eventualmente, implementar elementos *anti-bullying* desenvolvendo na escola, um trabalho social de conscientização a curto, médio e longo prazos (HORN; FREELAND, 2015). Mesmo quando um aluno está disposto a se afastar de um conflito, muitas vezes torna-se impossível de fazê-lo devido aos outros colegas espectadores que influenciam os alunos negativamente e os incitam às brigas, e isto precisa ser revisto.

É preciso que haja um trabalho sério com alunos que provocam conflitos em sala de aula, porque ao serem removidos da sala, para onde irão? Com quem conversarão devido ao seu comportamento inadequado em sala de aula? Tais remoções podem durar de uma hora ou um dia.

Os alunos deverão ter suporte em uma sala de aula separada, onde, em pares ou em pequenos grupos informais, o professor e a coordenação escolar fornecem ajuda na gestão da raiva, comunicação eficaz e prevenção da violência (HORN; FREELAND, 2015). O aconselhamento individual e em grupo ajuda os alunos a entender por que eles estão com problemas, o que podem fazer para voltar à sua classe com sucesso e como eles podem ficar fora de problemas (PELT, 2012). Além da prevenção, na escola têm serviços de suspensão, visto que um programa de suspensão fora da escola deve ser considerado para a aplicação de uma pena mais severa, como uma alternativa proposta pelas escolas públicas.

Faz-se, portanto, necessária uma avaliação de duas semanas e um programa de intervenção para alunos suspensos da escola por comportamento perturbador violento ou outro, o que poderia servir de modelo para a escola, de acordo com estudiosos do tema (HORN; FREELAND, 2015).

Um perfil do tipo de aluno mais em risco de suspensão e recorrente em suspensões que podem ser prevenidas através de intervenção precoce. Assim, o professor que fica tentando lidar com conflitos violentos em uma base diária pode levar ao stress. Em algumas escolas, é grande o número de professores substitutos em qualquer dia da semana devido a doenças e desgastes.

As escolas não têm serviços suficientes para ajudar os seus alunos e nem os seus professores. É injusto pedir para professores e administradores para tentar transportar essa difícil tarefa. Todos esses problemas são administráveis, mas é preciso estar disposto a colocar esforço, dinheiro e profissionais capacitados. Os professores precisam de experiência, recursos e apoio desses profissionais (HORN; FREELAND, 2015).

Compreende-se que é no interior da escola, no cotidiano dos alunos e de suas famílias, que se configuram as diferentes expressões da questão social, no caso em específico, drogas, pais negligentes, famílias multiproblemáticas, violência doméstica e escolar, pobreza, desigualdade social, exclusão social, etc. A escola, enquanto equipamento social, precisa estar atenta para as mais diferentes formas de manifestação de exclusão social, incluindo-se desde questões que vão da violência às atitudes discriminatórias, da etnia ao gênero e ao sexo, e ainda, de classe social, etc., reprovações até à evasão escolar, que muitas vezes é provocada pela necessidade do aluno de trabalhar para contribuir na renda familiar (SANTOS, 2014).

As demandas emergentes e resultantes da questão social é que justificam a inserção de profissionais especializados nas escolas, que se insiram neste espaço com o objetivo de receber e encaminhar estas demandas. Neste sentido, Iamamoto (2014, p. 75) afirma:

O desafio é redescobrir alternativas e possibilidades para o trabalho profissional no cenário atual; traçar horizontes para a formulação de propostas que façam frente à questão social e que sejam solidárias com o modo de vida daqueles que a vivenciam, não só como vítimas, mas como sujeitos que lutam pela preservação e conquista da sua vida, da sua humanidade. Essa discussão é parte dos rumos perseguidos pelo trabalho profissional contemporâneo (IAMAMOTO, 2014, p.75).

Assim, de acordo com Gomes (2002), a intervenção do educador e de outros profissionais é bem vista e necessária, sendo uma atividade veiculadora de informações, trabalhando em consciências, com a linguagem que é a relação social, que estando frente às mudanças sociais, pode desenvolver um trabalho de articulação e operacionalização, de interação de equipe, de busca de estratégias de proposição e intervenção, resgatando-se a visão de integralidade e coletividade humana e o real sentido da apreensão e participação do saber, do conhecimento.

## 2.5 OS SUJEITOS DA ESCOLA EM RELAÇÕES COMPLEXAS: ESCOLA X ALUNO X PROFESSOR X FAMÍLIA

A escola, que é um dos essenciais equipamentos sociais, tem sido desafiada dia a dia em articular o conhecimento que é trabalhado no contexto escolar com a realidade social do aluno, ou seja, seus problemas e necessidades sociais. Neste âmbito, torna-se imprescindível e fundamental que a escola inicie a busca do conhecimento da realidade social dos seus alunos, visando também diminuir a distância que a separa do universo familiar (GOMES, 2002).

Sabe-se que são muitos os desafios a serem enfrentados no ato e na arte de educar, pois a educação não é algo que se limita a repassar informações ou mostrar o caminho a ser percorrido pelo professor ou pelo aluno. Ela se constitui num conjunto de aprendizagens e ações que capacitam o indivíduo a tomar consciência de si mesmo, dos outros e da sociedade, aceitar-se como pessoa para saber respeitar, conviver e aceitar os outros, oferecendo várias ferramentas para a formação de valores e possibilidades que ampliam a visão de mundo, norteando as atitudes frente às circunstâncias que cada um se deparará (COLI, 2000).

O trabalho individualizado não se aplica mais no processo educacional. Segundo Piletti e Piletti (2007), sabe-se que a escola como instituição social pautada numa gestão democrática deve promover espaços de participação e interação entre os diversos segmentos inseridos no processo ensino-aprendizagem.

Também a escola como instituição social precisa planejar ações e metas que possam alcançar dentro do espaço escolar e extraescolar. A escola vem procurando

manter uma convivência mais harmônica, participativa e produtiva entre os diversos segmentos participantes no processo de ensino aprendizagem. Desse modo,

A participação proporciona melhor conhecimento dos objetivos e das metas da escola, de sua estrutura organizacional e de sua dinâmica, de suas relações com a comunidade, e propicia um clima de trabalho favorável a maior aproximação entre professores, alunos e pais (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2003, p. 328).

A escola tem hoje um grande desafio, o de conquistar o apoio da comunidade/família, buscando maior envolvimento, compromisso e responsabilidade para vencer os problemas do cotidiano escolar, dentre eles, a violência, a evasão escolar, o fracasso e a indisciplina (PARO, 2000).

Muitos estudos com bases científicas sociais e comportamentais são desenvolvidos em vários países do mundo e, também, no Brasil. E têm mostrado as vantagens de uma colaboração mais estreita entre as escolas, as famílias e a respectiva comunidade (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2003).

No entanto, apesar da legislação atual favorecer o envolvimento parental, as dificuldades são muitas e as escolas parecem manter os seus padrões tradicionais de interação com as famílias. De acordo com Libâneo, Oliveira e Toschi (2003), parte dessas dificuldades tem a ver com o fato dos professores, que constituem um elemento chave na construção dessas parcerias, não estarem suficientemente preparados para desempenhar esse papel de mediadores da educação.

O educador precisa auxiliar o aluno a pensar. A pedagoga Sônia M. Bitencourt alerta sobre o grande papel da educação, quando diz: “o grande desafio da educação é ensinar a pensar” (apud LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2003, p. 12). É preciso formar cidadãos críticos capazes de interagir com o mundo, mas, principalmente, que arrisque e busque novos conhecimentos e que exerça sua cidadania.

A escola pública enfrenta no seu cotidiano, situações adversas, mas através dos erros podem-se vencer esses obstáculos e reconstruir uma nova escola, onde a interação entre escola e comunidade local deva ser a peça chave. Desse modo, “a interação escola-comunidade vai além do trabalho manual. Precisa ultrapassar o

estágio em que os pais e a comunidade só são chamados à escola para tomarem conhecimento dos resultados obtidos por seus filhos” (PILETTI; PILETTI, 2007, p. 230).

Para que mudanças aconteçam de fato na escola é essencial que esteja fundamentada expressivamente em princípios democráticos igualitários, construídos por ela. Deste modo, a escola tem uma função primordial: oferecer um ensino de qualidade e auxiliar na formação do aluno multicultural, dando prioridade para a diversidade cultural existente no país. Estas questões,

[...] coloca-nos, também, diante do desafio de implementar políticas públicas em que a história e a diferença de cada grupo social e cultural sejam respeitadas dentro das suas especificidades sem perder o rumo do diálogo, da troca de experiências e da garantia dos direitos sociais. A luta pelo direito e pelo reconhecimento das diferenças não pode se dar de forma separada e isolada e nem resultar em práticas culturais, políticas e pedagógicas solitárias e excludentes (GOMES, 2002, p. 2).

São as instituições escolar e familiar que podem desenvolver uma aprendizagem nos educandos de forma mais significativa (SOARES, 2003). Almeida (2006, p. 62) informa que “é preciso, sem dúvida, reencontrar caminhos novos para a prática pedagógica escolar, uma espécie de libertação, de desafio, uma luz na escuridão”.

Os princípios contidos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9394/1996 e no Plano Nacional de Educação – PNE determinam que a escola se mobilize para estruturar um conjunto de ações e providenciar recursos necessários que garantam o acesso e a permanência de todos os alunos, promovendo um ensino que respeite as especificidades da aprendizagem de cada um (GADOTTI, 2002).

Para que a aprendizagem ocorra de forma eficaz é necessário que haja a participação da comunidade. Por meio da participação familiar, se facilita a relação dos alunos com os meios de aprendizagem, além de colaborar para a aquisição de valores como cumplicidade, afetividade, solidariedade, entre outros.

Nesse contexto apresentado, vários são os desafios a serem enfrentados no século XXI, dentre eles pode ser citada, a globalização, que traz uma gama de informações, inovações tecnológicas, a internet, a rapidez das informações nos veículos

mediáticos, o que faz com que a escola e o professor também se adequem à situação e busquem modernizar-se e aprender a manusear as novas tecnologias oportunizando a prática em sala de aula com metodologias novas e diversificadas.

Esta tecnologia também tem causado uma revolução entre os alunos que se desinteressam das aulas tradicionais e são mais agressivos devido ao excesso de informações sobre violência nas mídias televisivas e virtuais. Outro desafio diz respeito à mudança dos perfis do núcleo família. Desde os últimos sessenta anos, segundo dados de 2017 da Revista Retratos, a revista do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (doravante IBGE) percebe-se a formação de uma nova configuração familiar, diferente do padrão clássico familiar formado por pai, mãe e filhos – a das mães que trabalham fora para ajudar no sustento familiar e muitas vezes, a mãe é a única que garante a subsistência dos seus filhos (NETO, 2017).

Inclusive, há um reflexo nisso que é um erro do instinto materno, o fato da mãe sentir-se culpada por ficar fora de casa o dia todo, quando trabalha fora. Fato este devido à entrada da mulher no mercado de trabalho, a legalização do divórcio, a diminuição da taxa de fecundidade e a crescente onda de recasamentos que tem proporcionado discussões acerca do que é família. Assim, a mãe, avós ou tios são os responsáveis pelo lar e não mais o (a) pai/mãe. Em outras situações, a mãe é a provedora do lar e sai para trabalhar e deixa os filhos com as incumbências da casa, sozinhos, não mais estudam como deveriam e ficam à mercê da própria sorte, com más companhias e sujeitos às intempéries da vida: drogas, prostituição, violência, entre outros problemas.

Foi realizada uma Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD que demonstrou que, desde 2005, o perfil familiar que, *a priori*, era composto somente por pai, mãe e filhos não é mais maioria nos lares do Brasil, perfazendo um total de 50,1%. Já em 2015, foi realizada outra pesquisa e a configuração tradicional ocupava 42,3% dos domicílios pesquisados, havendo uma queda de 7,8%. Percebeu-se que outras tendências foram afloradas, pois em 2015, para exemplificar, aproximadamente um em cada cinco domicílios (19, 9%) era composto só por casais sem filhos, em contraponto, 14,4% das residências só tinha um habitante (NETO, 2017).

Um fator preponderante, para a problemática da falta da participação familiar na aprendizagem escolar dos educandos, deve-se ao fato de muitos pais serem ocupados, visto que até as mães na atualidade trabalham muito e, muitas delas, fora do lar, e não têm tempo de auxiliar os seus filhos nas atividades escolares, acompanharem o seu desenvolvimento cognitivo, ou até mesmo, visitarem a escola para saber do andamento dos seus filhos em questões comportamentais ou em relação à aprendizagem dos mesmos (PARO, 2000).

Desse modo, segundo Almeida (2000), entende-se que para atingir a criança e o adolescente de forma integral, são necessárias mudanças no contexto familiar, seja em âmbito socioeducativo, como também de momentos de ensino-aprendizagem e reflexão, em um viés de participação, autonomia e cidadania.

A sociedade inteira é a responsável pela educação das crianças, da nova geração. Percebe-se o quanto à mídia também influencia, e pouco se luta para que isso não aconteça. Apenas tem-se consciência e nada se faz. As novelas, propagandas e programas alteram muito daquilo que é colocado no lar pelos pais. O que mais se vê são cenas de sexo/sexualidade, mentiras, corrupção e, como nada acontece com estas pessoas nesses programas, tudo se torna muito natural para todos que assistem.

Segundo Tiba (2002, p.74), “as crianças precisam sentir que pertencem a uma família”. Sabe-se que a família é a base para qualquer ser – não apenas família de sangue – mas, também, famílias construídas através de laços de afeto. Família, no sentido mais amplo, é um conjunto de pessoas que se unem pelo desejo de estarem juntas, de construir algo e de se complementarem. É através dessas relações que as pessoas podem se tornar mais humanas, aprendendo a viver o jogo da afetividade de maneira adequada. Deste modo, Tiba (1996, p. 13) ressalta que,

Recuperar a autoridade fisiológica não significa ser autoritário, cheio de desmandos, injustiças e inadequações. O que verificamos atualmente é que um grande número de pais acredita no falso mito da liberdade total. Libertam os filhos antes mesmo de eles terem criado asas para voos mais altos, e o resultado disso é um comportamento desastroso na maioria das vezes.



A permissividade de alguns pais será sentida pela criança ou adolescente como desinteresse, abandono, desamor, negligência. A família tem a função de sociabilizar e estruturar os filhos como seres humanos. A violência na infância e na adolescência, por exemplo, existe tanto nas camadas menos favorecidas como nas classes média e alta. O que faz a diferença é a capacidade da família estabelecer vínculos afetivos, unindo-se no amor e nas frustrações.

A família é o âmbito em que a criança vive suas maiores sensações de alegria, felicidade, prazer e amor, o campo de ação no qual experimenta tristezas, desencontros, brigas, ciúmes, medos e ódios. Uma família sadia sempre tem momentos de grata e prazerosa emoção alternados com momentos de tristeza, discussões e desentendimentos, que serão reparados através do entendimento, do perdão, tão necessário, e da aprendizagem de como todos devem preparar-se adequadamente para serem cidadãos sociáveis.

Nesse aspecto, conforme o Art. 19 do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990):

Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes (BRASIL, 1990, p. 21).

Sabe-se que muito tem sido transferido da família para a escola, funções que eram das famílias: educação sexual, definição política, formação religiosa, esporte, lazer, entre outras funções. Com isso a escola vai abandonando seu foco, e a família perde a função. Além disso, a escola não deve ser só um lugar de aprendizagem, mas também um campo de ação no qual haverá continuidade da vida afetiva. A escola que funciona como quintal da casa poderá desempenhar o papel de parceira na formação de um indivíduo inteiro e sadio.

### 3 VISÕES MÚLTIPLAS EM RELAÇÃO AO ESPORTE

No século XIX, as atenções dos pesquisadores e estudiosos estavam voltadas para a Grécia Antiga procurando a origem dos fenômenos ocidentais da época. No âmbito dessas verificações encontravam a gênese das atividades esportivas, dos jogos públicos e, mais designadamente, dos Jogos Olímpicos (CHRISTOPOULOS, 2003; YALOURIS, 2003; CABRAL, 2004; MACHADO, 2009).

Os historiadores detalharam, que quando as competições atléticas tomaram forma na sociedade moderna industrial, a noção de desenvolvimento e treinamento vital através da participação esportiva foi, em grande parte, o terreno das classes média e média alta que viram o atletismo amador como treinamento de vida através da participação esportiva que visava socializar os jovens e prepará-los para a liderança da sociedade (HARTMANN, 2001; CHRISTOPOULOS, 2003; MACHADO, 2006).

Como esses ideais sobre educação e socialização através do esporte foram popularizados e expandidos para o trabalho, no início do século XX, em que foram direcionados mais para os propósitos de contenção social, disciplina e transformação e mudança individual, o que poderíamos agora denominar ressocialização ou prevenção de riscos (RUBIO, 2011).

Eventualmente, o que surgiu foi uma variação distinta no tema da educação e desenvolvimento baseados no esporte, uma visão que se concentrava menos no empoderamento e mais na intervenção, ressocialização e mudança no nível individual. E o que ficou claro ao longo dos anos é que esta visão mais intervencionista e orientada para o controle e desenvolvimento do esporte e da juventude foi entendido e aplicado de forma racial, com gênero e classe específica.

A sociedade atual tem duas marcas indeléveis – a velocidade na qual conceitos e padrões são transformados e seu dinamismo. O reconhecimento se esse fenômeno está sendo feito por incontáveis autores contemporâneos e até mesmo pelos cidadãos comuns que observam seu entorno e podem perceber facilmente a rapidez com que ocorrem mudanças sociais e estruturais (MACHADO, 2009; RUBIO, 2011).

O esporte é um elemento relevante da sociedade contemporânea e por isso seus aspectos e características estão profundamente ligados ao contexto social. Vê-se o estreitamento do espaço entre esporte e sociedade, reconhecendo os pontos comuns e trazendo em pauta, novas formas de olhar para o fenômeno esportivo em uma visão atual.

Para Rubio (2011), é notável que sempre haja muito trabalho para entender completamente o fenômeno dos esportes no mundo moderno, uma vez que a velocidade em que tudo acontece torna quase impossível analisar as coisas com a profundidade necessária. No entanto, devemos reconhecer o quão importante é o estudo do esporte na sociedade, as ações em torno dele não são tomadas como elementos de alienação e irrelevância para quem pratica.

### 3.1 A MINIMIZAÇÃO DA AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA ATRAVÉS DO ESPORTE

A violência escolar é uma questão imensamente complexa e, portanto, requer vários fatores a serem abordados. Tais fatores incluem a necessidade de participação dos alunos; uma abordagem holística envolvendo pais, educadores e comunidade; associação entre políticas públicas, legislação e prática; o desenvolvimento de indicadores sobre violência; e sensibilidade cultural abordando conceitos como a universalidade dos direitos humanos como parte de uma abordagem baseada nos direitos humanos.

A pesquisa se contextualiza na integração da prática de atividades físicas das crianças e adolescentes, tornando-se um suporte para o desenvolvimento local e regional. Recomenda-se a formação esportiva adequada aos integrantes das modalidades ofertadas em oficinas e programas sociais, como um fator relevante para a formação sociocultural e econômica.

Como significância maior, a pesquisa está direcionada a importância das práticas esportivas na formação do caráter do jovem e no seu processo de desenvolvimento, no que se refere à aquisição de valores éticos e morais, no aumento da autoestima e práticas de hábitos saudáveis, aprimorando o seu rendimento escolar e socioafetivo,

promovendo a igualdade entre os pares e a minimização da agressividade e violência.

As repercussões da violência continuam a afetar as crianças e adolescentes ao longo de suas vidas, dificultando o desenvolvimento cognitivo, a saúde, o comportamento e, em última instância, a sociedade em geral. Nenhuma forma de violência é justificada e toda violência é evitável. São necessárias mudanças substanciais para ajudar comunidades escolares para resolver questões concernentes à violência, visando evitá-la, implementando medidas para preveni-la (ASPY et al., 2004).

Autores fizeram pesquisas e avaliaram que a escola pode criar programas em equipe que permitam alavancar habilidades e talentos em áreas distintas, tais como: artes, esportes, participação em atividades com grupos ou clubes, *hobbies*. Para tanto, é preciso que haja o envolvimento na comunidade e também, de grupos de amizades e apoio familiar (RHEE et al., 2001). A pesquisa documentou que tais atividades constroem resiliência e reduzem o impacto dos fatores de risco que contribuem para o comportamento violento (GOTTFREDSON, 2001; ASPY et al., 2004).

As atividades esportivas através de associações, programas e projetos entram nesse contexto como ressocializadoras, pois através das suas atividades de interação entre os alunos e atividades recreacionais trabalha a competitividade, cooperação, o espírito esportivo, o respeito mútuo, o momento de cada um se pronunciar, além de trabalhar os aspectos artísticos. Assim, Silva e Sales e Ferreira (2010) afirmaram que as atividades esportivas poderão abrir novos caminhos de compreensão e atuação do professor na formação moral dos indivíduos/alunos.

### 3.2 O CARÁTER SOCIOCULTURAL DAS ATIVIDADES ESPORTIVAS

O fenômeno do esporte é importante para milhões de pessoas em todo o mundo. Mais e mais pessoas gostam de jogar, assistir e discutir vários esportes. Esportes ocupam um lugar de destaque em diferentes culturas e podem ser influências sociais significativas. Segundo Simon (2015), o esporte atua como uma forma significativa

de atividade social e pode afetar o sistema educacional, a economia e os valores dos cidadãos. Especialmente, no tempo presente, o impacto social e a importância do esporte são enormes. Snyder e Spreitzer (2008) resumem que o esporte emergiu no final do século XX para se tornar uma das instituições sociais mais difundidas nas sociedades contemporâneas.

O esporte é um fator importante para melhorar a educação das crianças em todo o mundo. No entanto, as melhorias não são claras e muitos alunos não estão conectados com um esporte regular em muitas escolas. Assim, é preciso explorar a relação entre esporte e cultura para entender como o esporte pode melhorar a cultura das pessoas, especialmente nas escolas. Portanto, o esporte pode ter uma grande influência na estrutura, nos resultados sociais e na sociedade como um todo (MÜLLER, 2014).

A participação na atividade esportiva é frequentemente associada a melhorias na saúde e na forma física dos alunos. Por meio do esporte, os seres humanos melhoram não apenas suas condições de saúde, mas também seu poder de raciocínio, controle das emoções, desenvolvimento da personalidade e relacionamento social (SIMON, 2015).

Além disso, o tipo e a quantidade apropriada de atividades beneficiam todo o processo de aprendizagem. Alguns desses benefícios importantes são adotados na declaração a seguir. Segundo Seefeldt e Vogel (2016), a atividade física facilita e promove mudanças na estrutura e função do cérebro em crianças e adolescentes, desde crianças pequenas até as maiores.

A estimulação sensorial através da atividade física é essencial para o crescimento e ótimo desenvolvimento no sistema nervoso jovem bem como auxilia o desenvolvimento da cognição através de oportunidades para desenvolver estratégias de aprendizagem, tomada de decisão, aquisição, recuperação e integração de informações e resolução de problemas; promove uma atitude mais positiva em relação às atividades físicas e leva a um estilo de vida mais ativo durante o tempo de lazer não programado (SEEFELDT; VOGEL, 2016).

O esporte é uma força importante na socialização de indivíduos durante o final da infância e adolescência. É instrumental no desenvolvimento e crescimento do raciocínio moral, resolução de problemas, criatividade e competência social, e ainda, melhora o autoconceito e a autoestima do indivíduo, conforme indicado pelo aumento da confiança, assertividade, estabilidade emocional, independência e autocontrole (SEEFELDT; VOGEL, 2016).

Tanto o esporte quanto à prática de atividades na educação física colaboram na construção de valores socioculturais, pois criam oportunidades para melhorar o desenvolvimento nos domínios físico, cognitivo e social. Um dos aspectos dos domínios sociais inclui o raciocínio moral ou o desenvolvimento de caráter. Segundo Solomon (2017), os contextos de arte e educação física estão repletos de oportunidades para promover o desenvolvimento do caráter: (1) à medida que surgem questões espontâneas, abordam as implicações morais do comportamento e/ou (2) implementam deliberadamente dilemas com implicações morais.

Muitos sociólogos concordam que o esporte é um meio-chave para socializar as crianças e os adolescentes, e também fornece um significado para os bens humanos. O esporte é uma cultura popular e atividade democrática. Simon (2015) sugere que, através do esporte e da educação física, pode-se enfrentar e superar desafios e desenvolver uma preocupação com a excelência. O indivíduo pode se envolver em atividades que o valoriza, além das recompensas que resultam para os mais bem-sucedidos.

Por meio do esporte, pode-se desenvolver e expressar virtudes e aspectos morais e demonstrar a importância de valores como lealdade, dedicação, integridade e coragem. O esporte serve à função psicológica social de proporcionar uma sensação de excitação, alegria e diversão para muitas pessoas. Além disso, a centralidade do esporte é evidente no jogo de crianças e adolescentes nas escolas e também, em instituições de ensino superior (SNYDER; SPREITZER, 2008).

A competição é tão grande em toda a sociedade que até mesmo as pressões que levam ao estresse afligem as crianças em idade escolar. O fraco desempenho na escola traz muitas emoções negativas, que levam ao medo e percepções de

ameaça. Nos esportes existe uma competição, então é uma espécie de atividade onde as emoções podem se expressar para vários tipos de comportamento.

Os esportes também exemplificam os valores que devem permear a conduta de cada indivíduo e, pelo menos até certo ponto, os atletas podem obter esses valores por meio da participação esportiva e usá-los para o sucesso posterior, para tanto, o seu orientador/professor deve mediar esta aprendizagem para que os valores sejam a ordem da conduta esportiva (CURRY; JIOBU, 2014).

A prática esportiva deve promover a discussão e a compreensão das questões sociais. As diferenças de raça, etnia e gênero apóiam o exame de diversificação de conteúdo e integração no currículo que permeia as aulas de educação física escolar e deve ser o mesmo a encabeçar qualquer atividade esportiva em outro ambiente extraescolar (CHEPYATOR-THOMSON; RUSSEL; WOORONS, 2008).

Além disso, as questões de desigualdade socioeconômica devem incluir o contexto escolar no currículo, a fim de preparar os estudantes para um mundo em mudança por meio da diversificação social e da integração intercultural. A sobrevivência curricular na pedagogia do esporte depende da teorização crítica do currículo como responsável a questões culturais e sociais maiores que afetam as instituições educacionais (CHEPYATOR-THOMSON; RUSSEL; WOORONS, 2008).

O esporte reflete a sociedade e a sociedade reflete o esporte. Os problemas sociais permeiam a sociedade: drogas, violência, crime, trapaça, sexismo, racismo, corrupção, inflação, recessão, etc. E como o esporte reflete a sociedade, pode-se usar o esporte como um laboratório natural para estudar esses problemas e outras estruturas e processos básicos (CURRY; JIOBU, 2014).

O esporte há muito faz parte dos valores culturais brasileiros e de outros países. Muitas pesquisas mostram que o esporte, na verdade, promove maiores aspirações educacionais entre os estudantes. Os esportes produzem mobilidade ascendente, principalmente porque muitos esportes estão ligados ao sistema educacional, começando na escola primária e continuando pelo nível universitário, permeando todas as etapas (CURRY; JIOBU, 2014).

Outro ponto importante é a participação social por meio do atletismo. Bons atletas estão direta e indiretamente relacionados com boas habilidades sociais. A imagem de alguns atletas está associada ao sucesso e ajuda a vender produtos e a influenciar as opiniões das pessoas.

Muitas vezes essa associação de sucesso, principalmente monetária, exerce maior influência sobre os jovens, o que afeta futuros objetivos educacionais ou profissionais. É preciso dizer que isso é visto como positivo pelas pessoas em geral. Em particular, as pessoas de classes sociais menos favorecidas usam o esporte para poder atingir uma vida social melhor.

Snyder e Spreitzer (2008) afirmaram que a participação atlética estava mais fortemente ligada ao sucesso educacional entre meninos de origens socioeconômicas mais pobres. Isso significa que, apesar da pequena porcentagem de jovens pobres que vão para os atletas de alto status, isso ainda constitui um sonho para a maioria das crianças pobres. Em outras palavras, o atletismo pode ser um meio importante para que esses estudantes de menor nível socioeconômico obtenham reconhecimento e aceitação social e, através dele, maiores aspirações acadêmicas e maior nível de escolaridade.

Só o fato de ir à busca de um sonho e se esmerar para atingi-lo, passar a ter uma boa conduta e envolver-se com atividades esportivas, já faz a criança e/ou o adolescente procurar galgar degraus antes inatingíveis e passar a ter um bom comportamento social e apresentar uma conduta aceitável e uma vida saudável que o esporte exige, o que promove o afastamento das más companhias, das drogas, da violência.

Segundo Sage (2008), o esporte tem imenso poder de moldar a consciência, os valores e as crenças dos atletas e repassar aspectos selecionados da cultura dominante. Além disso, ele esclarece que o esporte não precisa ser moldado pela estratificação da classe social em termos de patronagem, acesso, controle e mobilidade social.



A estratificação de classe, gênero e raça é uma característica que revela o domínio, exploração e discriminação dos capitalistas sobre os trabalhadores, dos homens sobre as mulheres e dos brancos sobre os negros. Além disso, cada um sozinho e todos em combinação são jogados no mundo do esporte. O esporte é um dos caminhos para alguns grupos étnicos. Quando algumas classes subprovidas têm a chance de escalar socialmente através do esporte, elas geralmente “agarram” esta oportunidade. Muitas vezes, isso acontece porque as minorias tiram vantagens de suas chances com mais convicção do que pessoas de outras classes sociais (SAGE, 2008).

De acordo com Curry e Jobu (2014), a subcultura negra, permeada pela paixão pelo esporte, encoraja, atrai e empurra a juventude negra para o atletismo muito mais do que a cultura branca com a juventude branca. Os jovens brancos aspiram realisticamente às carreiras nos negócios, no direito, na medicina e assim por diante. Um grande número de brancos com talento atlético acaba fazendo esses trabalhos em vez de tentar fazer carreira no esporte. Para negros, essas opções não existem no mesmo grau. Pobreza, discriminação, falta de educação, falta de treinamento e falta de apoio cultural significam isso: a maioria das carreiras, embora teoricamente abertas aos negros, estão fechadas para eles na realidade.

A comunidade negra sabe disso, e assim os negros passam a praticar esportes. Inclusive os sul-americanos e os africanos agora fluem mais para o futebol. Os negros são mais representados no beisebol, basquete e futebol. Com algumas exceções, os negros investiram nos esportes que podem proporcionar-lhes ascensão sociocultural e monetária, ou seja, nos esportes com saídas profissionais. Vivendo em uma subcultura dominada pelo esporte; tendo sonhos de sucesso; estar com fome; ter a oportunidade de jogar; não ter outras oportunidades – estas são as razões pelas quais negros ou pessoas pobres (brancas ou negras) entraram e dominam o dinheiro. Tudo faz sentido sociológico perfeito (CURRY; JIOBU, 2014).

Embora essa realidade talvez seja verdadeira nos Estados Unidos, de acordo com Müller (2014), isso não significa necessariamente que ela se aplica ao Brasil ou outros países, que têm uma forma democrática de dar oportunidades iguais às pessoas que querem se tornar jogadores. Isso pode ser afirmado em uma situação

que ocorreu com o futebol brasileiro. No futebol, os problemas raciais não são um problema de fato. Diferentemente de outros setores da sociedade, as chances de futebol são dadas a todos, independentemente de raça ou classe social.

Isso explica por que há tantas pessoas negras e pobres envolvidas no futebol no Brasil. Por exemplo, na Seleção Nacional de 2002, mostra a composição racial brasileira, onde tanto a proporção de jogadores de famílias pobres (77%), quanto à proporção de jogadores negros (22%), são maiores do que a composição da média brasileira (IBGE, 2019). O amadorismo é o único momento em que os jogadores jogam por amor e por liberdade.

Assim, o esporte é uma parte e um reflexo da sociedade, bem como do contexto social, econômico, político e cultural. Expressões e valores culturais estão associados ao esporte. As pessoas usam esportes para se expressar. A relação com as características culturais nacionais ou regionais e com os esportes é enorme hoje em dia.

Os Estados Unidos e o Brasil, gigantes do Hemisfério Ocidental, com populações de cerca de 330 milhões e 210 milhões, respectivamente, oferecem um bom contraste nos esportes na escola. Ambos os países são fanáticos por esportes e esse fanatismo exerce um grande poder na escola. No entanto, por razões culturais, econômicas e políticas, o conceito de esporte nas escolas públicas difere totalmente em cada país (IBGE, 2019).

De acordo com Müller (2014), fazendo uma análise do apoio brasileiro às atividades esportivas ou ao esporte, em geral, sabe-se que sem apoio financeiro, as escolas não têm boas instalações. Algumas escolas não têm academia nem lugares para atividades físicas, nem equipamentos esportivos básicos. Os professores têm preparação da educação física, mas a maioria não está preparada para treinar. Os salários dos professores ou treinadores são muito pouco atraentes.

Em relação aos alunos, segundo Müller (2014), eles demonstram um grande amor e dedicação ao esporte, entretanto com mais “paixão” do que em outros países como os Estados Unidos, por exemplo. No entanto, seus objetivos para o futuro são

limitados porque eles não têm o mesmo nível de oportunidades. Vale salientar ainda, que os esportes nas universidades são quase inexistentes.

A escola oferece menos concorrência, de modo que o bom impacto esportivo no desenvolvimento do caráter do aluno é limitado. As escolas não têm muitas possibilidades de treinamento adequado. A maior parte da competição ocorre fora da escola, o que resulta em uma distração do aprimoramento acadêmico (MÜLLER, 2014).

Outra situação que deve ser mencionada, trata-se do fato dos pais estimularem seus filhos a participar dos esportes. Alguns pais exercem uma influência positiva, outros exercem uma influência negativa, outros acreditam que os esportes são incompatíveis com a educação. Algumas influências ocorrem para a carreira futura em esportes profissionais, sendo o único caminho para algumas crianças pobres.

Assevera Müller (2014) que, em relação à importância social, verifica-se que as escolas ajudam a promover o esporte, pois através da aula de educação física e das equipes escolares, mas nem todos os alunos têm a oportunidade de se envolver em esportes. Normalmente, um melhor nível de competição esportiva ocorre em clubes. No entanto, apenas crianças talentosas têm a oportunidade de competir no nível do clube. Além disso, a participação é limitada por transporte e incompatibilidade de horário. Menos pessoas estão envolvidas em esportes na escola, conseqüentemente menos atletas têm alto nível de competições.

Garotos e garotas pobres sonham em serem jogadores (as) de futebol ou vôlei, deixar a miséria e ter melhores condições de vida. Esse mundo dos esportes, criado pelos próprios jogadores da classe trabalhadora, tornou-se uma genuína manifestação da cultura popular.

## **4 ESTUDO DE CASO: TEORIZANDO O ESPORTE COMO INTERVENÇÃO SOCIAL FRENTE À LEI 8.069/90: O CASO DO PROJETO “EDUCAR PARA CRESCER”**

### **4.1 BREVE HISTÓRICO DA CIDADE DE TEIXEIRA DE FREITAS**

Na década de 1950, de acordo com a Enciclopédia dos Municípios, editada em 1958, pelo IBGE, hoje, Fundação IBGE, no volume XX, começa a formação de um povoado habitado inicialmente por famílias negras, à margem de uma estrada, aberta por firmas madeireiras. Não apresentava perspectiva de crescer, portanto não havia registro dessa povoação, que estava surgindo desde os primeiros anos da década de 1950, e que, em menos de 30 anos, atingia a marca de 100 mil habitantes (REVISTA TEIXEIRA DE FREITAS, 1992).

Apesar de não ter registros estatísticos, Teixeira de Freitas surgia e crescia, e se destacava no mapa econômico da Bahia, tornando-se um importante aglomerado urbano e pólo de desenvolvimento do Estado. A partir de 1962, o povoado de Teixeira de Freitas explodia desordenadamente. Segundo relatos, “Teixeira de Freitas, (antes do plebiscito), foi considerada o maior povoado do mundo e o povoado que mais crescia no mundo” (REVISTA TEIXEIRA DE FREITAS, 1992, p. 5-19). O povoado, desde o seu surgimento, recebeu vários nomes, de acordo com fatos e acontecimentos; e pela ordem cronológica, inicialmente foi Comércio dos Pretos, depois Mandiocal, Arrepiado, Tira-Banha, São José de Itanhém. Somente, em 1957, é que passou a chamar-se Teixeira de Freitas, em homenagem ao jurista baiano, Sr. Mário Augusto Teixeira de Freitas.

Teixeira de Freitas é o principal município da região do extremo sul do Estado da Bahia, localiza-se a 30 km do litoral e a 884 km da capital, tem uma área de 1.157,4 Km<sup>2</sup>, suas principais rodovias de acesso são: BR 290, BR 101 e BA-695. Inserida no quadrante formado pelos paralelos com latitude 17° e 32' ao sul; longitude 39° e 44° ao oeste; altitude média de 14 metros em relação ao nível do mar é possível identificá-la num contexto histórico de grandes disputas políticas na região das cidades de Caravelas e Alcobaça (PDU, 2010).

O território originado do desmembramento dos municípios de Alcobaça e Caravelas foi emancipado de acordo com o Plano Diretor Urbano - PDU (2010, p. 132) em “09 de maio de 1985, através da lei nº 4.452, e se instalou em 1º de janeiro de 1986, através da lei nº 4.452”.

As principais fontes econômicas são o comércio e a agropecuária, ressaltando a enorme influência de empresas multinacionais de plantação de eucalipto, sendo considerada um pólo de trabalho e turismo com grande fluxo migratório. O crescimento da cidade se deu seguindo determinados períodos migratórios, que aqui podem ser denominados ciclos: o ciclo da exploração da madeira com grande número de serrarias; o ciclo da agricultura, tornando a região, a maior produtora mundial de mamão e por último; o ciclo da celulose, com a implantação da Suzano Papel e Celulose S. A. (PDU, 2010). Na atualidade, a Suzano fez uma fusão com a Fíbria e passou a chamar-se Suzano S.A.

Teixeira de Freitas encontra-se localizada no extremo sul da Bahia à margem da rodovia BR-101, o que possibilitou o seu desenvolvimento. Tem uma economia agrícola baseada principalmente na pecuária e agricultura. A cidade é um centro comercial da região, atendendo à demanda de aproximadamente 14 municípios. A cidade teve sua origem no entroncamento de antigas estradas e mantém até hoje a característica de ser uma cidade com muitos empreendedores vindos de outras regiões. Além disso, o Município é hoje, um pólo industrial e comercial de grande importância no extremo sul baiano.

Atualmente, com o desenvolvimento da região, incentivado em grande parte pela implantação da Bahia Sul Celulose, atual Suzano S. A. e após o advento da BR 101, que atravessa o município, surge o Distrito Industrial, onde já se encontram instaladas 12 (doze) indústrias e mais 03 (três) prestes a se instalar. Houve um aumento no número de estabelecimentos comerciais, industriais e prestadores de serviços, existindo cadastrados hoje, na Prefeitura Municipal, segundo dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE (2012), mais de 5.600 estabelecimentos e mais de 172 indústrias, sendo estes hoje, o maior impulso de crescimento de Teixeira de Freitas, pois são os maiores geradores de

emprego. Deste modo, observa-se o crescimento desordenado que se deu na cidade em seu surgimento e a falta de um planejamento adequado.

Segundo dados do PDU (2010, p. 107),

As relações existentes com as cidades vizinhas reforça a posição de Teixeira de Freitas, como principal centro populacional, comercial e de serviços. As condições presentes facilitam moldar o futuro desenvolvimento da cidade e de sua população.

Conforme o PDU (2010), a identificação de algumas forças como posição geográfica, estrutura econômica do município, crescimento populacional e agricultura diversificada possibilitou prever melhores dias para a cidade, com superação de vários entraves. De acordo com dados do MBI<sup>4</sup> (2018), a cidade de Teixeira de Freitas possui 72 bairros, e o que está em destaque aqui, é o Bairro Colina Verde que possui apenas 15 anos de existência.

#### 4.2 O BAIRRO COLINA VERDE – LOCALIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO

O Bairro em questão está localizado na cidade de Teixeira de Freitas, no Extremo Sul da Bahia. É um bairro periférico de classe média baixa ou classe baixa (PDU, 2014). Conforme dados da App Local (2018), o bairro em estudo possui 22 empresas e também constam alguns segmentos comerciais existentes nesta localidade: 2 segmentos de Produtos e Equipamentos para Postos de Combustíveis e Serviços, 2 Supermercados, 2 Lanchonetes, 2 Oficinas Mecânicas, 2 Casas de Material de Construção, 1 Conserto e Peças de Caminhões, 1 Distribuidora de Bebidas, 1 Guinchos e Reboques, 1 Cooperativa de Produtores e 1 Segurança Patrimonial.

Ao lado encontram-se o Mapa via satélite do bairro Colina Verde (Figura 01) demonstrando a sua localização geral e o Mapa padrão do referente bairro mostrando a sua localização e bairros próximos (Figura 02).

---

<sup>4</sup> Inovação pioneira no mundo da Tecnologia da Informação e das Comunicações desde 1990.



Figura 01: Mapa via satélite do Bairro Colina Verde.

Fonte: <https://mapasapp.com/brasil/bahia/teixeira-de-freitas-ba/colina-verde>

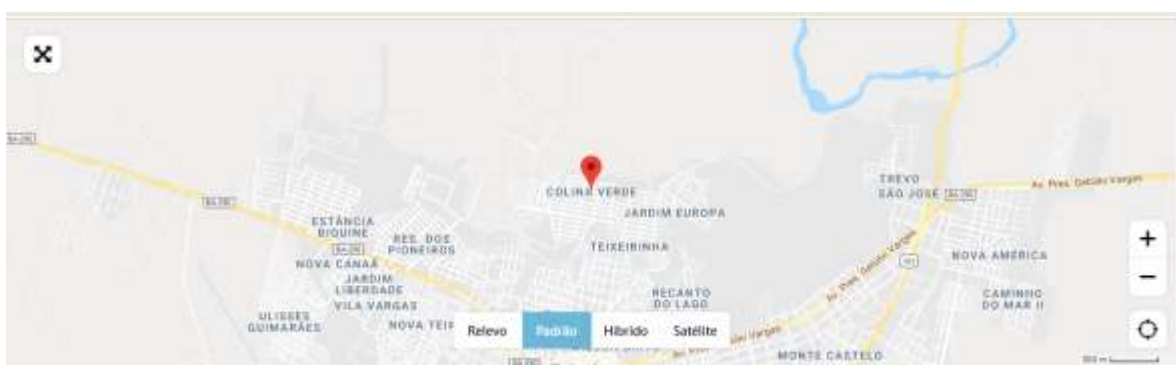


Figura 02: Mapa padrão do Bairro Colina Verde.

Fonte: <https://mapasapp.com/brasil/bahia/teixeira-de-freitas-ba/colina-verde>

### 4.3 A ASSOCIAÇÃO – PROJETO “EDUCAR PARA CRESCER ATRAVÉS DO ESPORTE”

Aqui serão apresentadas algumas considerações acerca da Associação Educar para Crescer – Esporte Mudando Vidas, situada à Rua 22 de abril n° 98, no bairro Colina Verde, situado no município de Teixeira de Freitas, no Extremo Sul da Bahia. Também será apresentado o logotipo da Associação em estudo (Figura 3), a sua relevância social com as crianças e adolescentes do Bairro Colina Verde.



Figura 03: Logotipo da Associação Educar para Crescer.  
Fonte: Associação Educar para Crescer (2018).

#### 4.4 O PROJETO “EDUCAR PARA CRESCER” E A SUA RELEVÂNCIA SOCIAL NO BAIRO COLINA VERDE

A realidade social das crianças e adolescentes do Bairro Colina Verde permearam a motivação e realização do Projeto “Educar para Crescer através do Esporte”, que acabou por incidir no desenvolvimento da educação através das atividades esportivas, visando uma mudança de comportamento e oportunidade social para as crianças e adolescentes do bairro, o que denota a preocupação com o futuro destes jovens.

A responsável pela Associação Educar para Crescer, Andreia Ferreira de Souza, foi entrevistada e em áudio aqui transcrito, relatou sobre a sua trajetória até o surgimento da Associação:

*Eu morava em São Paulo, meus filhos eram pequenos, e pensando em dar uma vida melhor com menos violência me mudei para Teixeira. Chegando aqui, o bairro Colina Verde estava no início, e ao observar que a cidade não oferecia lazer e muitas crianças e jovens passavam o dia na rua, para que meus filhos não passassem por isso, e vendo a situação das outras crianças, resolvi montar o*



*projeto, para que as crianças pudessem ter um lugar para brincar e aprender mais, e principalmente, um lugar onde pudessem estar fora das ruas (relato oral)<sup>5</sup>.*

Observou-se, a princípio, a falta de oportunidades, as grandes problemáticas oriundas da desestruturação familiar, que acaba por gerar os mais distintos conflitos com consequências inimagináveis, o que vem a desencadear na utilização de estudos, programas e projetos que possibilitem por intermédio do esporte, minimizar essas questões.

Através deste projeto, buscou-se a articulação dos esportes com a estratificação da classe social, gênero e raça, através da inter-relação que envolve a participação esportiva dos alunos do projeto e o seu comportamento tanto na Associação, como em casa, no âmbito escolar e social. Isso sugere que os esportes podem se cruzar com o processo educacional, econômico e cultural em favor da escola e da sociedade.

Em nossa cultura, jovens estudantes praticam esportes como forma de melhorar sua qualidade de vida. Desse modo, projetos que priorizem o esporte são fundamentais para o desenvolvimento de programas receptivos às mudanças sociais e culturais na sociedade, uma vez que as atividades esportivas são atividades extracurriculares muito importantes (CURRY; JIOBU, 2014).

Assim, o projeto buscou tirar os jovens das ruas e oportunizar atividades esportivas relevantes e dinâmicas que os fizessem participar ativamente de esportes e outras atividades lúdicas visando à minimização da agressividade dos jovens nos lares, na escola e a violência em sociedade.

Durante o final da infância, adolescência e início da idade adulta, são os pares, e não só a família, que servem como os agentes socializadores mais poderosos para o envolvimento esportivo (SEEFELDT; VOGEL, 2016). Um programa/projeto esportivo de qualidade deve demonstrar através de seus valores que tem objetivos claros, úteis e atingíveis (FREEMAN, 2012). Projetos que visam promover aos jovens que

---

<sup>5</sup> Responsável pela Associação Educar para Crescer, Andreia Ferreira de Souza,

participem de atividades físicas esportivas servem como agentes socializantes significativos para a juventude.

A melhoria do desenvolvimento físico e mental das crianças é certamente a contribuição mais importante dos esportes para as crianças e adolescentes. Devido ao seu vasto alcance, popularidade inigualável e base de valores positivos, é também uma ferramenta poderosa que derruba todas as barreiras e auxilia os participantes a sentirem-se bem em relação a si mesmos, tanto física quanto mentalmente.

O esporte também é muito benéfico para os jovens: ao praticar esportes, eles desenvolvem habilidades físicas, coordenação motora, fazem exercícios, adquirem novos amigos, se divertem, aprendem a ser membros da equipe, aprendem a jogar de maneira justa, melhoram a autoestima etc. O aprimoramento do desenvolvimento físico e mental das crianças é certamente a contribuição mais importante dos esportes, mas os jovens também aprendem valores que já foram mencionados.

#### 4.4.1 O Projeto “Educar para Crescer através do Esporte” e o ECA

Em relação à Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, denominada Estatuto da Criança e do Adolescente, ela dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente e, pela sua amplitude e preceitos, reconhece as crianças e os adolescentes como sujeitos de direitos protegidos pela lei e garante a proteção destes que vivem em períodos de intenso desenvolvimento psicológico, físico, moral e social (ECA, 1990).

Assim, a associação conhece e reconhece que cada criança e adolescente possui direitos e deveres e que os mesmos necessitam ser valorizados em sua plenitude. Assim, em parceria que o consta no ECA, prevê um tratamento diferenciado para a criança e o adolescente, classificando-os como pessoas especiais de direitos, procurando garantir que sua formação seja sólida e harmoniosa perante a sociedade, para a retomada de uma vida social plena sem problemas ou incidentes, lastreada em valores éticos, sociais e familiares, afastando-os de uma vida pregressa que não deve prevalecer durante a o seu desenvolvimento.

O Projeto embasou no que se observa na sociedade vigente, ua vez que muitos jovens estão cada vez mais desassistidos; outros, rebeldes, pois difundem-se direitos, esquecendo-se os deveres. Diante do exposto, percebe-se que os valores familiares e morais estão se perdendo ao longo do tempo, pois observa-se uma nova configuração familiar, em que muitos pais saem para trabalhar e os seus filhos ficam em casa ou na rua, sozinhos, sem serem educados e advertidos adequadamente, o que vem causando problemas estruturais referentes à família que é a base fundamental para toda e qualquer sociedade.

O Projeto “Educar para Crescer através do Esporte” busca, entre outras coisas, maneiras de, através do esporte, dar ênfase ao fato da necessidade de os pais estabelecerem limites nos atos a serem praticados por seus filhos como uma manifestação de amor, visto que estas ações precisam da contribuição da sociedade em uma interligação de vários fatores imprescindíveis à formação de cidadãos aptos a construção de um futuro promissor, advindo de um presente esperançoso.

As crianças e adolescentes precisam tanto de escola como de esporte, tanto de prazer como de diversão, tanto de afeto e amor quanto de limites, o que irá proporcionar aos mesmos, qualidade de vida. O Estado também é responsável por estes jovens à medida que adota em sua política, a proteção integral à criança e ao adolescente, baseando-se no ECA.

Há quase vinte e nove anos da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei 8069/90 –, o Brasil ainda depara-se com uma realidade social marcada pela ausência ou precariedade de políticas de atenção a este segmento social. Portanto, o Projeto “Educar para Crescer através do Esporte” visa sanar um pouco as dificuldades encontradas em minimizar a agressividade e a violência no Bairro Colina Verde. Busca, assim, dar uma assistência precisa através do esporte às crianças e adolescentes que estão em situação de miserabilidade e/ou em situação de ‘ameaça social’, vulnerabilidade, em detrimento de ações de proteção e promoção para a cidadania.

## 5 METODOLOGIA

A metodologia utilizada parte de uma pesquisa exploratória bibliográfica de natureza quali-quantitativa com abordagem descritiva, com o objetivo de obter informações precisas sobre a situação das crianças e adolescentes atendidos no período de janeiro de 2017 (desde a sua fundação) até agosto de 2018.

### 5.1 LÓCUS DA PESQUISA

O lócus da pesquisa refere-se à Associação Educar para Crescer responsável pelo “Projeto Educar para Crescer através do Esporte” que abrange, a princípio, alunos desta associação, que são moradores do Bairro Colina Verde no Município de Teixeira de Freitas, no Extremo Sul da Bahia.

### 5.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa são os pais dos alunos da Associação e Educar para Crescer que responderam aos questionários semiestruturados. Esta pesquisa foi realizada com 100 pais e/ou responsáveis. Foi pesquisada ainda, a responsável pelo projeto, em que as suas narrativas foram gravadas em um áudio que aqui já foi transcrito. Desse modo, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Anexo I) de acordo à Resolução da Lei nº 196/96.

### 5.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para este estudo tornar-se mais consolidado foi realizada uma pesquisa quali-quantitativa de natureza descritiva com pais e/ou responsáveis dos alunos da Associação que idealizou e concretizou o “Projeto Educar para Crescer através do Esporte”.

O objetivo desta pesquisa foi o de analisar a relevância do Projeto “Educar para Crescer através do Esporte” à luz da Lei 8.069/90 dentro do processo social e educacional dos participantes das oficinas ofertadas pelo programa, visando à

diminuição da agressividade e violência entre crianças e adolescentes no Bairro Colina Verde no município de Teixeira de Freitas.

Buscou-se então, compreender o quanto os 100 pais e/ou responsáveis, cujos filhos são partícipes do Projeto (alunos da Associação Educar para Crescer), se o Projeto em questão tem, de fato, minimizado a agressividade e violência dos seus filhos, no âmbito escolar e extraescolar.

Para tal, responderam a um questionário semiestruturado em que foram selecionados estes 100 pais e/ou responsáveis. Outros colaboradores da pesquisa preferiram fazer relatos orais a responder ao questionário de forma escrita. Os dados foram analisados e tabulados e os resultados foram demonstrados em tabelas e gráficos.

Foram arguidos em uma entrevista transformada em questionário, 100 pais, cujos filhos fazem parte do projeto da Associação Educar para Crescer, através de um questionário semiestruturado com 09 perguntas abertas, o que gerou respostas múltiplas e distintas, em alguns momentos, bem como também se utilizou do instrumento da coleta de relatos orais, através de entrevistas semiestruturadas, que serão descritos adiante, ainda nesta análise da pesquisa de campo. Essas ferramentas permitiram embasar com dados, o norteamento teórico, o material documentado, bem como as respectivas análises que foram organizadas em relatório de pesquisa, componente da dissertação construída.

Neste estudo, optou-se por utilizar a pesquisa qualiquantitativa, uma vez que ela responde a questões muito particulares, pois se preocupa nas ciências sociais, mas importa-se também com um nível de realidade que pode ser quantificado. Ou seja, trabalha com o universo de significados, motivos, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais aprofundado das relações dos processos e dos fenômenos, mas também trabalha com universos que podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (LEOPARDI, 2001).

O mesmo expõe um caráter investigativo. As autoras Lakatos e Marconi (2002, p. 71) informam que a pesquisa qualitativa “coloca o pesquisador em contato direto

com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto”. Já a pesquisa quantitativa, conforme cita Leopardi (2001), o seu interesse está em fatos quantificáveis, objetivamente detectados e observáveis, seja em avaliação, seja em seu desenvolvimento.

Segundo as autoras Lakatos e Marconi (2002, p. 86), “as pesquisas com caráter quantitativo consistem em investigações de pesquisa empírica cuja principal finalidade é o delineamento ou análise das características de fatos”. Todos eles empregam artifícios quantitativos tendo por objetivos a coleta sistemática de dados sobre os programas, ou amostragem de populações.

Utilizam várias técnicas como entrevistas, questionários, entre outros, e empregam procedimentos de amostragem. Nesse sentido, utiliza dados primários que são aqueles que ainda não sofreram estudo e análise. Para coletá-los, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com questionário aberto conforme Apêndice I deste estudo.

Já a pesquisa descritiva tem como objetivo primordial, a descrição das características de determinado fenômeno. Uma de suas características está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

Quanto aos seus procedimentos técnicos, o estudo de campo procura o aprofundamento de uma realidade específica. Gil (2002) afirma que as pesquisas descritivas têm o objetivo da descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou então, o estabelecimento de relações entre variáveis.

Também se fez uso do relato oral. O uso do relato oral e seus procedimentos teórico-metodológicos contribuem, neste trabalho, para pensar possibilidades de diálogo entre teoria da construção do conhecimento científico e o conhecimento empírico (HALBWACHS, 2006) dos pais dos alunos que frequentam a Associação Educar para Crescer, partícipes do Projeto “Educar para Crescer através do Esporte” e a pesquisa que pretende apresentar as falas dos entrevistados que são pais dos alunos participantes do Projeto.

A oralidade não se apresenta como sinônimo de falta de habilidade ou capacidade, ao contrário, emerge como uma ação fundamental diante da realidade, que pode originar-se de maneira confiável a partir de narrativas intuídas diante de testemunhos oculares, ou seja, vivenciados.

Essas experiências permitem fortalecimento de laços identitários, a partir das narrativas que conduzem para traços comuns que são reconhecidos como pertencentes à determinada categoria – neste caso, a dos pais dos alunos partícipes do Projeto “Educar para Crescer através do Esporte”.

O estudo apresenta o uso da pesquisa como uma possibilidade metodológica, visando aprofundar o tema do esporte como socializador dos educandos em vulnerabilidade. É fundamental salientar que a participação dos voluntários na pesquisa é de forma livre e consentida, de acordo com a Resolução da Lei nº 196/96,

II.11- Consentimento livre e esclarecido - anuência do sujeito da pesquisa e/ou de seu representante legal, livre de vícios (simulação, fraude ou erro), dependência, subordinação ou intimidação, após explicação completa e pormenorizada sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, formulada em um termo de consentimento, autorizando sua participação voluntária na pesquisa.

Para Lakatos e Marconi (2002a), a pesquisa pode ser considerada como um procedimento formal, como método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais.

#### 5.4 ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este programa da Associação Educar para Crescer teve início em vinte e cinco de janeiro de dois mil e dezessete, atendendo a um público de faixa etária heterogênea entre 10 e 17 anos, matriculados regularmente na escola e assíduos às aulas. Já foram atendidos mais de 150 alunos. Em julho de 2018 (início da pesquisa), tinha 45 a 60 alunos. Na atualidade, em torno de 65. No inverno, o número cai e no verão, aumenta. As atividades são desenvolvidas no turno oposto em que estudam na

escola, duas ou três vezes por semana. As primeiras oficinas foram de leitura, jiu jitsu, xadrez e capoeira. Na atualidade, também ofertam futebol de campo e futebol de salão (futsal).

O estudo procurou responder à questão norteadora que é o problema a ser levantado: Qual a contribuição do “Projeto Educar para Crescer através do Esporte” para a formação das crianças e adolescentes partícipes desse programa de práticas esportivas no período de janeiro de 2017 a agosto de 2018?

Para responder a este questionamento foram coletados os dados da pesquisa de campo que serão representados através de gráficos, o qual permite uma descrição imediata do fenômeno, representada de forma visual para facilitar a melhor observação do conjunto.

Essas informações provenientes dos questionários/entrevistas foram analisadas e utilizadas como subsídios para a abordagem bibliográfica realizada, proporcionando assim, um tratamento qualiquantitativo das informações. Após esta fase, foi realizada a leitura dos escritos dos sujeitos pesquisados, que apresentavam-se de forma semelhante e diferenciada, definindo-se assim, algumas categorias.

Antes da primeira questão houve perguntas relacionadas à apresentação de cada entrevistado. A primeira refere-se à idade dos pais e/ou responsáveis e a faixa etária destes percebida estava entre 28 e 52 anos. Em relação ao sexo, 82% dos entrevistados eram mulheres.

As formações foram variadas, conforme gráfico referente à escolaridade (Gráfico 1). Grande parte tinha o 1º grau incompleto (26%); muitos não completaram o 2º grau (24%) e nenhum pai fez ou fazia algum curso superior.



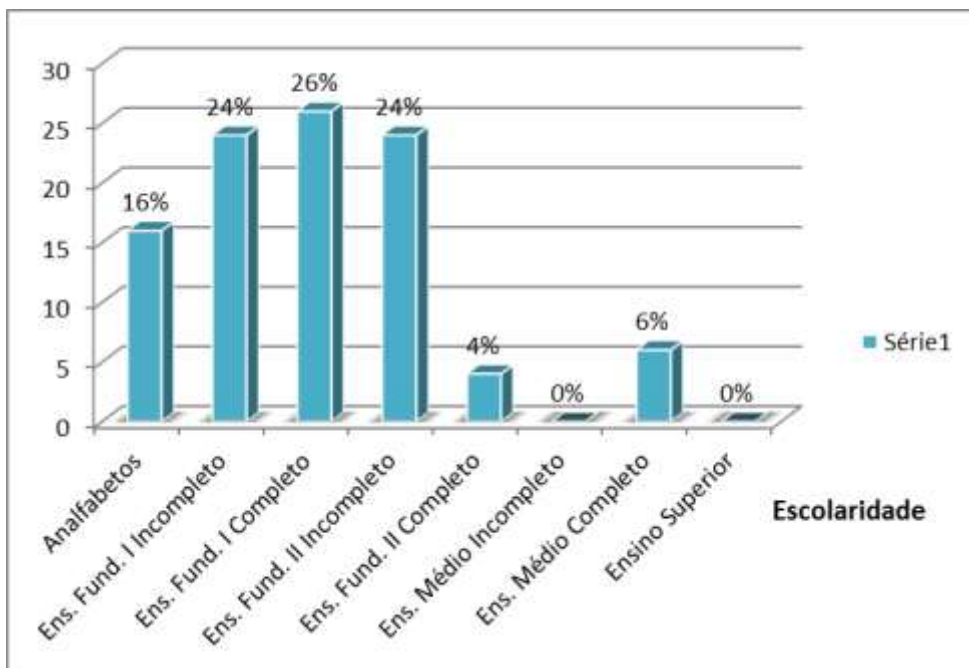


Gráfico 1: Grau de escolaridade.  
Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

A primeira questão refere-se ao tempo em que o filho de cada entrevistado participa do projeto. O resultado pode ser visualizado no gráfico 2:

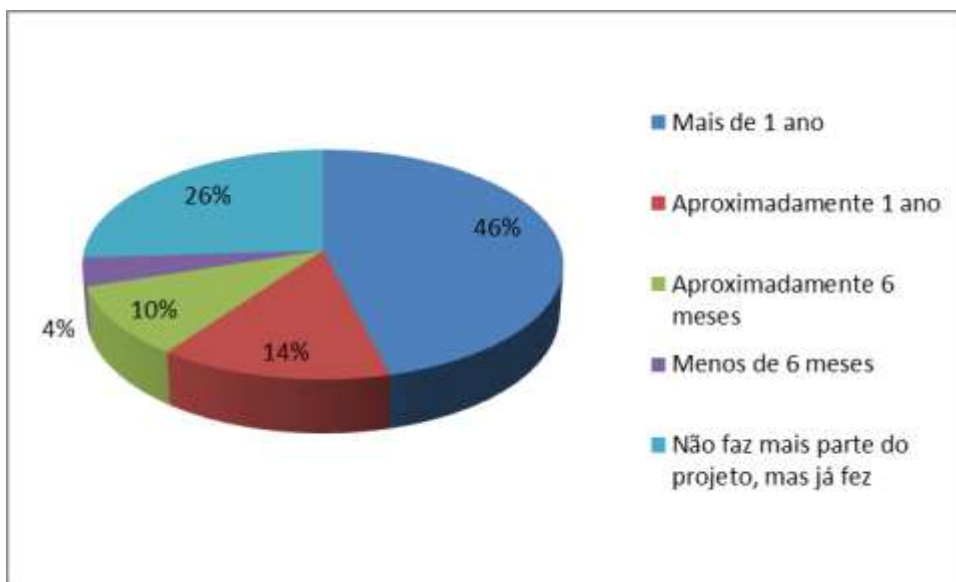


Gráfico 2: Tempo de permanência dos alunos no projeto.  
Fonte: Dados da Pesquisa (2018-2019).

46% dos entrevistados (pais e/ou responsáveis), responderam que os seus filhos estão inseridos no projeto, há mais de 1 ano. 26% não faz mais parte do projeto. 14%, aproximadamente, 1 ano. 10%, aproximadamente, 6 meses e 4%, menos de 6 meses.

Observa-se que muitos alunos permanecem no projeto desde que foi iniciado. Alguns não deram continuidade ao projeto, e os motivos foram vários (os pais não tinham tempo de levá-los, pois trabalham; outros precisam cuidar dos irmãos menores e alguns saíram para trabalhar para ajudar os pais nas despesas da casa).

Quando foram questionados acerca de qual atividade o seu filho fazia ou faz na associação, ou qual oficina ele participa, as respostas foram variadas conforme gráfico 3.

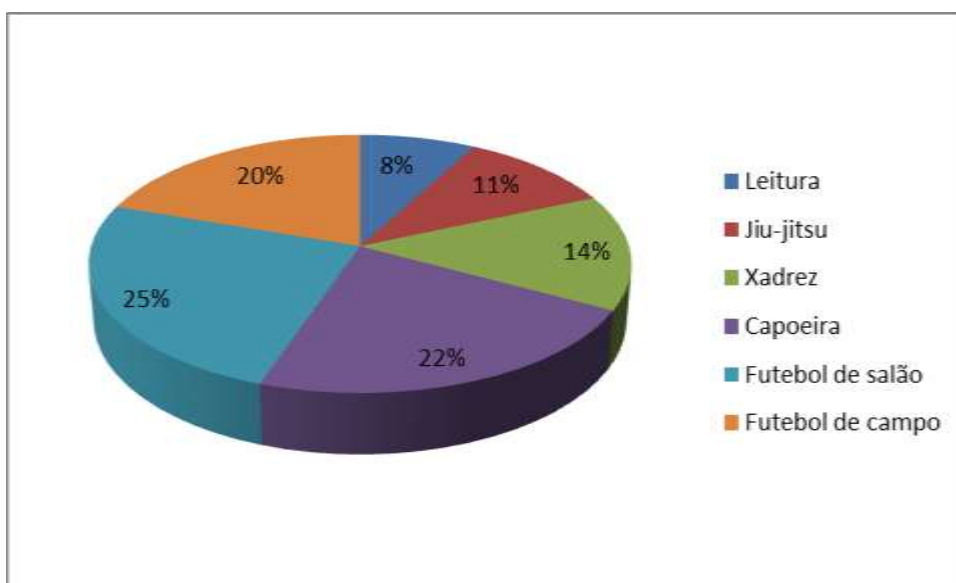


Gráfico 3: Atividades executadas pelos alunos que fazem parte do projeto.  
Fonte: Dados da Pesquisa (2018-2019).

Os pais entrevistados afirmaram que 25% dos seus filhos praticam atividades esportivas de futebol de salão/futsal; 22%, capoeira; 20%, futebol de campo; 14%, xadrez; 11%, jiu-jitsu e apenas 8%, leitura. Uma quantidade bem pequena faz teatro. Nesse contexto, faz-se necessário dar ênfase à prevalência de atividades esportivas diferenciadas que atraem os alunos ao Projeto.

Em relação à pergunta se o projeto foi importante para os pais, 100% deles afirmaram que sim e quando foram arguidos sobre o porquê disto, as respostas foram diversas, portanto, foi realizada a leitura dos escritos e verificaram-se as que se apresentavam de forma semelhante ou diferenciada, definindo-se assim, algumas categorias conforme as colocadas no Gráfico 4.

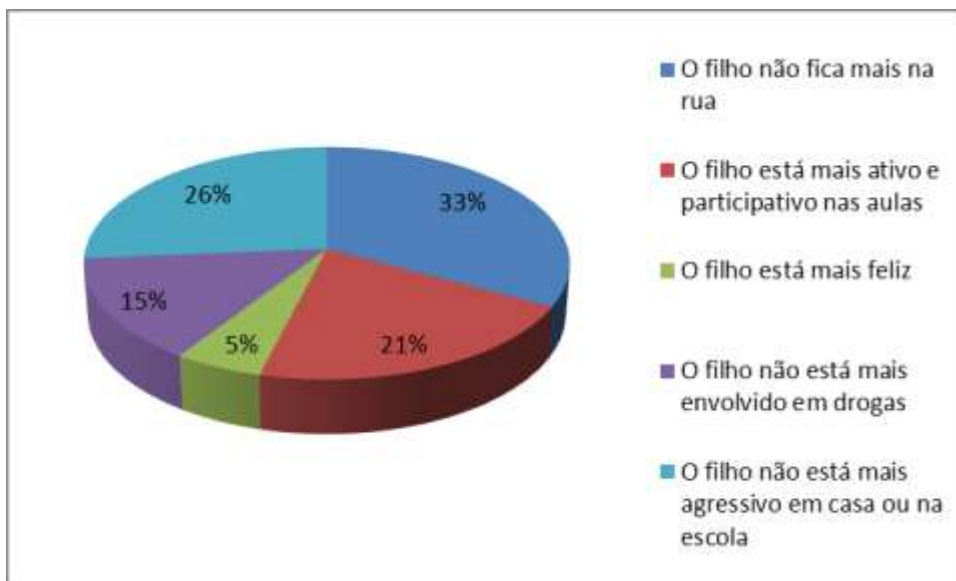


Gráfico 4: A importância do projeto para os pais.  
Fonte: Dados da Pesquisa (2018-2019).

De acordo com os resultados da questão apresentada, 33% dos pais asseveraram que os seus filhos após entrada e permanência no Projeto não ficam mais na rua, pois ocupam o seu tempo entre a escola e as atividades esportivas no Projeto. 26% dos pais afirmaram que os seus filhos não estão mais agressivos em casa ou na escola. 21% dos entrevistados citaram que os menores estão mais ativos e participativos nas aulas, segundo informaram as professoras dos seus filhos aos mesmos. 15% mencionaram que os seus meninos não estão mais envolvidos em drogas. 5% perceberam que as suas crianças e adolescentes estão mais felizes.

De acordo com Seefeldt e Vogel (2016), praticar esportes permite que eles criem amizades sadias que de outra forma poderiam não ter se formado. Por exemplo, as amizades que os atletas profissionais criam no campo permanecem intactas mesmo quando não estão praticando esportes, e geralmente duram a vida toda.

A questão a seguir, trata-se de perguntar: Para que serve o projeto para o seu filho? Quais os benefícios que tem observado em relação ao seu filho e a agressividade, violência? Vários foram os relatos orais e os mais relevantes serão descritos aqui:

*Esse projeto é definitivamente uma das melhores coisas eles criaram. Meus filhos estão calmos, alegres, estão estudando mais e até os professores disseram que eles melhoraram o rendimento (Relato oral)<sup>6</sup>.*

*Os pontos positivos são grandes, o que mostra a verdadeira beleza do esporte. Minha filha está muito feliz e eu fico tranquila, porque ela não quer mais ficar só na casa das amigas, quer aprender mais e mais, jiu jitsu (Relato oral)<sup>7</sup>.*

*Quando eu fui levar o meu filho à capoeira, pela primeira vez, estava chovendo demais, quase desistimos de ir, e eu não sabia que essa experiência nos serviria por toda a vida. Meu filho fez novos amigos na associação, e eu senti uma energia positiva que nos inspirou e motivou o meu filho a continuar, e eu sempre me lembro que aquele dia que eu fiquei assistindo meu filho a lutar capoeira, o tempo todo, ele não tirava o sorriso do rosto. Em casa, na escola, ele está mais calmo e tranquilo. Antes, era nervoso e agressivo, sempre respondia a mãe muito mal. Hoje, mudou muito (relato oral)<sup>8</sup>.*

*Meu filho começou a praticar o xadrez, achou difícil e parou de praticar depois de algum tempo, essas lembranças me fazem abrir um sorriso. Todos os outros meninos queriam que ele continuasse e iam lá em casa buscar ele. Eles foram mais do que amigáveis, ajudando o meu filho, a se sentir como uma parte importante daquela equipe de jogadores de xadrez. Até que eu pedi que ele voltasse a estudar xadrez, levei ele lá, foi uma farrá, os amigos e o professor ensinaram ele com mais calma, ele aprendeu e agora que fazer dois esportes, xadrez e futebol de campo. Ele gosta de jogar futebol, também. O xadrez, ele entrou para melhorar na matemática. O professor da escola me aconselhou a colocar para ele treinar o raciocínio lógico. Ele vai fazer os dois: xadrez e futebol de campo. O meu filho é só alegria. Chega cansado não vai prá rua, não briga com ninguém e não fica mais com os malandros que têm na rua. Menino se mistura com gente boa e com gente ruim. Não temos como está com eles o tempo todo. Agora, isso acabou. Ele não tem mais tempo. Estuda e vai prá associação. O projeto ajudou muito a gente (relato oral)<sup>9</sup>.*

São muitos os benefícios que podem advir da prática de esportes. O caráter infantil e os princípios morais são formados por meio do *fair play* (jogo justo, limpo). Além disso, as crianças que estão ativamente engajadas no esporte podem ser bons exemplos para seus colegas da escola, do bairro e inspirá-los a começar a praticar alguns esportes também (SIMON, 2015).

---

<sup>6</sup> Entrevistado nº 8. Pai de dois alunos que fazem futsal.

<sup>7</sup> Entrevistada nº 3. Mãe de uma aluna de jiu jitsu.

<sup>8</sup> Entrevistado nº 48. Pai de um aluno que faz capoeira.

<sup>9</sup> Entrevistado nº 2. Pai de aluno que faz xadrez e futebol de campo.

Outros relatos se sucederam demonstrando a relevância do projeto e os benefícios trazidos para os partícipes:

*Meu filho possui agora, um verdadeiro espírito de equipe e passa muito mais tempo junto com a gente, antes ele só pensava em ir prá rua e brigar com os meninos. Ele só queria ganhar e ganhar. Se perdesse, tomava a bola e entrava para casa emburrado, ele é o dono da bola. Agora, faz aula de leitura (ele não era bom em leitura) e faz também, futebol de salão. Aprendeu a conviver e respeitar o outro, os amigos e os colegas, ganhando ou não no jogo. Além disso, o futebol contribuiu para o seu melhor desenvolvimento físico e sua postura, ele andava envergado (relato oral)<sup>10</sup>.*

O trabalho em equipe e os benefícios da interação social entre as crianças são melhor vistos no esporte. As crianças aprendem que fazem parte de uma equipe que exige o mesmo esforço de todos os membros para ter sucesso, bem como ganhar com a classe e perder com dignidade (SEEFELDT; VOGEL, 2016).

Um outro questionamento foi feito aos pais: Em sua concepção, o que deve ser melhorado no Projeto? As respostas mais relevantes serão aqui descritas após paráfrase. Alguns pais responderam que deveria ter melhores instalações, buscando ajuda em parcerias municipais, estaduais e federais; outros, afirmaram que não precisa ser melhorado. Alguns citaram que deveria ter caratê ou outro esporte diferenciado como mais uma opção. E muitos pais disseram que deveria haver uma parceria entre a Associação Educar para Crescer e as escolas do bairro.

Nesse sentido, vale salientar que o esporte é um importante ambiente de aprendizado para as crianças. Numerosos estudos mostraram que as crianças que praticam esportes têm melhor desempenho na escola. É também dentro do esporte que o status de pares e a aceitação pelos pares são estabelecidos e desenvolvidos (FREEMAN, 2012; SIMON, 2015).

Simon (2015) afirma ainda, que a sociedade, através das escolas, deve promover a chance de que os esportes propiciem aos atletas/alunos uma maior qualidade de vida, maior capacitação e *performance*, tornando o caminho para a evolução social a partir disso.

---

<sup>10</sup> Entrevistado nº 5. Pescador há 18 anos, 32 anos de idade.

Quando questionados sobre o fato do Projeto servir para a inclusão do seu filho ou diversão, primeiramente precisou-se explicar o que era inclusão, posteriormente 72% afirmaram que era inclusão e diversão; 11%, diversão e 17%, inclusão (Gráfico 5).

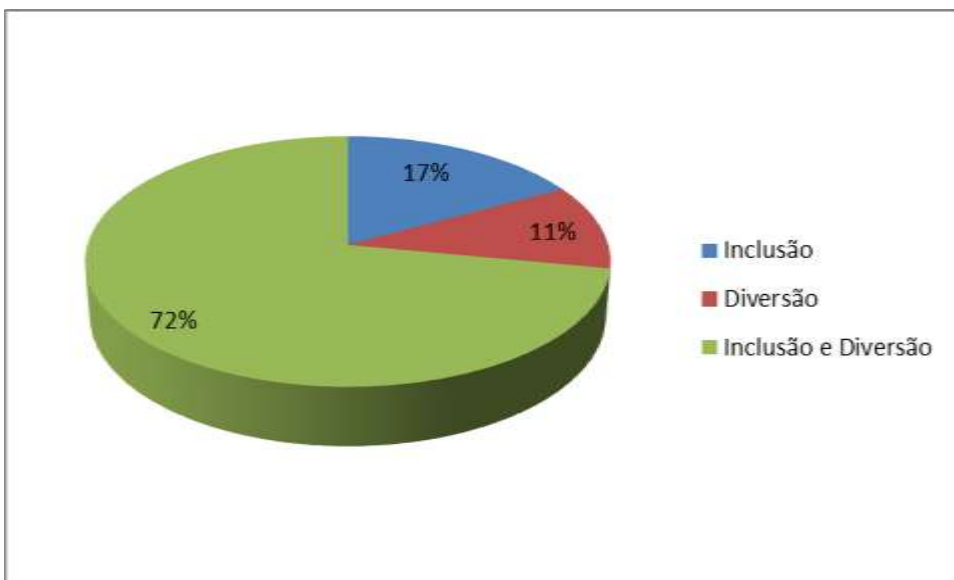


Gráfico 5: O projeto tem a função de inclusão e diversão.  
Fonte: Dados da Pesquisa (2018-2019).

Nesse contexto, de acordo com Simon (2015), nenhuma outra coisa na vida proporciona às crianças essa oportunidade de desenvolver traços de caráter positivos e absorver muitos valores de qualidade como o esporte faz. Os esportes unem as pessoas de todo o mundo, independentemente de sua nacionalidade, religião, cultura ou cor da pele.

Em relação ao esporte fazer a diferença na vida dos seus filhos, 100% em uníssono mencionaram que sim. E quando questionados de que forma faz a diferença, abaixo seguem alguns relatos de pais:

*O esporte beneficiou meu filho, pois ele se sente mais valorizado (relato oral)<sup>11</sup>.*

*A maioria dos pais deseja incentivar as crianças a praticar esportes para ajudá-las a ser bem sucedidas. Eu sou um deles. Eu levei um tempo para encontrar o esporte*

<sup>11</sup> Entrevistada nº 7. Mãe de uma aluna que faz capoeira.

*adequado para a minha criança. Mas, achei, ele faz leitura e xadrez. Já melhorou no português e na matemática (relato oral)<sup>12</sup>.*

De acordo com Simon (2015), experiências esportivas ajudam a construir autoestima positiva em crianças. Além disso, participar de esportes pode ser uma forma útil de reduzir o estresse e aumentar a sensação de bem-estar físico e mental, além de lutar contra a delinquência juvenil, conflitos e explosões agressivas. Quando as crianças aprendem lições positivas de vida através do esporte, não há dúvida de que elas se tornarão adultos honestos e confiáveis, que tentarão ajudar os necessitados a qualquer momento.

Vale salientar que não se pode ter apenas uma visão instrumentalizada da prática esportiva, pois ela deve ser vista como uma prática fomentadora de educação para a saúde que auxilie a criança e o jovem a ter experiências positivas no campo do movimento e criar competências e habilidades pessoais, sociais e ambientais para ter maior autonomia no campo do movimento.

Na penúltima questão foi arguido se ocorreram mudanças de comportamento com as atividades esportivas. 100% afirmaram que sim. Quando questionados quais mudanças, afirmaram:

*Os meninos passaram a entender que entre perder e ganhar, ganhar é melhor; mas, não vão tratar o colega mal por isso. Meus filhos aprenderam a perder e ganhar, sem brigar (relato oral)<sup>13</sup>.*

Outros pais afirmaram que os filhos estão menos agressivos, menos violentos, mais participativos em casa, saem menos à rua. Dormem mais cedo, estão mais aplicados para fazer as tarefas. Leem mais em casa, estudam mais. Brincam e se divertem mais do que antes, e com menos brigas.

Os jovens, no geral, veem competições dentro e fora do campo como oportunidades para aprender com seu sucesso e fracasso. Além disso, perder muitas vezes motiva

---

<sup>12</sup> Entrevistada nº 1. Pai de um aluno que faz leitura e xadrez.

<sup>13</sup> Entrevistada nº 53. Mãe de dois alunos que fazem futebol de campo.

as crianças a trabalhar ainda mais para a próxima vez. Eles aprendem a respeitar autoridade, regras, colegas de equipe e oponentes (SEEFELDT; VOGEL, 2016).

A última questão perguntou sobre quais eram os motivos que levavam à agressividade e violência nos jovens, com base no que eles vivenciavam com os seus filhos. Muitas foram as respostas. Dentre elas, os pais disseram que eles eram violentos porque queriam sair e os pais não deixavam, porque queriam comprar alguma coisa e os pais não tinham o dinheiro naquele momento, eram nervosos ou violentos quando algum aluno os xingava na sala de aula, especialmente com racismo ou *bullying*.

Nesse âmbito, Assis e Nascimento (2013) informam que a violência, muitas vezes, se configura como uma das expressões da desigualdade social, bastante visível na sociedade brasileira, e que necessita ser sanada, minimizada, erradicada, não pode ser algo invisibilizado.

Após estudos realizados e pesquisa de campo efetivada, observou-se a relevância do “Projeto Educar para Crescer através do Esporte” e o seu importante papel desempenhado na formação educacional e no desenvolvimento social por intermédio das oficinas do programa e das práticas esportivas, visto que, no Bairro Colina Verde, onde o Projeto teve início, promoveu a inclusão dos participantes, acabando por minimizar a agressividade e a violência no âmbito escolar, familiar e social.

É imprescindível que escola e comunidade caminhem juntas e tenham objetivos em comum, para que os resultados possam ser positivos refletindo na aprendizagem do aluno, o que foi demonstrado na entrevista com os pais, em que demonstraram a satisfação com o projeto, pois seus filhos encontram-se mais participativos, alegres, fazem mais as suas atividades, saem menos à rua, brigam menos, estão menos agressivos. Vão à associação com prazer e deixam os pais satisfeitos com os resultados, ainda mais por proporcionar prazer e inclusão social.

Nesse âmbito, a LDB cita em seu art. 1º que a educação tanto é responsabilidade da família como de outros setores da sociedade (GADOTTI, 2003). A participação



esportiva é um aspecto importante no desenvolvimento de estudantes em todo o mundo. Os pais também planejam um papel crítico em incentivar seus filhos a praticar esportes durante a infância e adolescência.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise do estudo e pesquisa, comprovou-se a relevância do Projeto “Educar para Crescer através do Esporte” à luz da Lei 8.069/90 dentro do processo social e educacional dos participantes das oficinas ofertadas pelo programa, visando à diminuição da agressividade e violência entre crianças e adolescentes no Bairro Colina Verde no município de Teixeira de Freitas.

Desse modo, propôs-se, a partir do problema já evidenciado na pesquisa, no que se refere à contribuição do Projeto Educar para Crescer através do Esporte para a formação das crianças e adolescentes partícipes desse programa de práticas esportivas no período de janeiro de 2017 a agosto de 2018, observou-se que o referido Projeto exerce influência positiva na vida de cada participante, o que acaba refletindo em seus lares e na sociedade como um todo. Essas influências foram analisadas em dois panoramas diferentes. Na visão que os pais têm acerca do projeto e dos esportes e na visão que têm dos seus filhos após a participação contínua no projeto em questão.

Mesmo com uma quantidade reduzida de dinheiro, mas com a participação de todos os envolvidos no projeto, pais, alunos, colaboradores e os idealizadores do projeto, acabaram por promover e desenvolver o esporte sob uma estrutura diferente, através de pessoas colaboradoras talentosas e de alunos que precisam de um pouco de atenção e estrutura adequada para demonstrarem a sua capacidade e *performance*.

A própria LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – no seu artigo primeiro, amplia a educação como responsabilidade também da família e de outros setores da sociedade, embora dialeticamente trata-se de um avanço e um retrocesso, pois ao mesmo tempo em que reconhece outros espaços, também retira responsabilidades do Estado e as delega apenas aos Municípios, às associações e afins. Contudo, essa nova concepção abre espaço aos movimentos sociais, associações, comunidades, sindicatos e outros, para participarem ativamente da educação dos jovens relacionada ao ambiente vulnerável que os circunda.

Também os objetivos específicos foram alcançados neste estudo dissertativo, uma vez que foi possível assinalar a importância do funcionamento do “Projeto Educar para Crescer através do Esporte” no Bairro Colina Verde no município de Teixeira de Freitas-BA. Todos os colaboradores da pesquisa reconhecem que o projeto trouxe e traz benefícios para os seus filhos no âmbito escolar e extraescolar.

Acredita-se que o segundo objetivo específico também foi alcançado, pois o Projeto em estudo, ao participar do processo de desvelamento da realidade de forma coletiva e problematizadora através do esporte, tem dado um salto qualitativo na reflexão dos alunos, pais e sociedade e atuação sobre o seu papel no processo de transformação dos jovens do bairro Colina Verde e na busca pela mudança de atitude em relação aos impactos nocivos gerados pela agressividade e violência, ora minimizados com o projeto.

Outro objetivo específico almejado foi o de averiguar a relevância das oficinas do “Projeto Educar para Crescer através do Esporte” para o desenvolvimento social dos partícipes, o que foi realizado satisfatoriamente, inclusive todos os pais foram a favor do projeto e comprovaram com a pesquisa, a relevância do mesmo para o desenvolvimento salutar dos seus filhos.

Foi possível também, avaliar os benefícios para o desenvolvimento educacional dos integrantes. E, segundo os pais dos alunos, foram vários, visto que os seus filhos estão mais calmos, alegres, tranquilos, estão estudando mais, e melhoraram o rendimento em seus estudos, segundo os relatos. Os alunos estão buscando aprender mais. Fizeram novos amigos na associação. Estão menos nervosos e agressivos. As crianças e adolescentes sentem-se como parte importante de todo o processo relacionado ao projeto. Além de fazerem algum tipo de esporte, os alunos aprendem valores como o respeito, espírito esportivo, aprimoram a leitura e o raciocínio lógico. Não saem mais à rua. Brigam bem menos. Aprendem princípios morais, a conviver e respeitar o outro, os amigos e os colegas, ganhando ou não no jogo. Além disso, o futebol contribuiu para o seu melhor desenvolvimento físico e emocional. O trabalho em equipe e os benefícios da interação social entre as crianças são melhor vistos no esporte.

Um dos possíveis entraves e desafios fundamentais confrontados pela educação e pelo esporte no que se refere aos costumes que possam aperfeiçoar a integração social trata-se da falta de verbas para que o Projeto ocorra de forma satisfatória. Por isso, faz-se necessário que haja a busca de parceria com a sociedade local e gestores municipais para desenvolver mecanismos institucionais de mobilização social para que o Projeto se desenvolva estimulando e promovendo atividades socioculturais compatíveis com cada localidade de forma eficaz, visando ainda, propor a ampliação do projeto em outros bairros de mesma conotação social do município de Teixeira de Freitas.

Enfatiza-se a necessidade de incentivo aos alunos a melhorar suas habilidades esportivas. Se as pessoas economicamente carentes têm a chance de aprender determinado esporte, elas podem usar os conhecimentos adquiridos para fazer algumas mudanças e desenvolver a si mesmos e à comunidade. A prática de esportes ajuda as suas vidas. O esporte pode transformar o futuro para muitos jovens. É preciso preparar as crianças e adolescentes mostrando os caminhos e perspectivas que devem encontrar no mundo do esporte.

Como sugestão para pesquisas futuras, faz-se necessária, uma discussão relacionada à avaliação da eficácia do esporte para salvar vidas de jovens usuários de drogas. Outra sugestão seria a criação no Município de um grande Centro de Esportes para Menores Carentes - CEMC, uma área que seria utilizada pela população local e vulnerável, assegurando-lhes a prática de atividades esportivas.

Nessa perspectiva, a adoção dessas ações se apresenta em uma grande diversidade de perspectivas de um projeto considerado crítico e emancipatório, o que pode vir a colaborar com a resolução de problemas contemporâneos relacionados à necessidade de minimização da agressividade e violência nos lares, escola e sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; AVANCINI, Marta. **O bê-á-bá da intolerância e da discriminação**. 2012. Disponível em: <[http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap\\_02.pdf](http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_02.pdf)>. Acesso em 02 ago. 2018.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.
- ALMEIDA, Ney Luiz Teixeira. O Serviço Social na educação. In: **Revista Inscrita**, nº 6. Brasília, 2000.
- ALMEIDA, Marcus Garcia de. **Pedagogia empresarial: Saberes, práticas e referências**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- AMARO, Sarita Teresinha Alves. **Serviço Social na escola: o encontro da realidade com a educação**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1997.
- APP LOCAL. 2018. **Bairro Colina Verde em Teixeira de Freitas, BA: 49 ruas**. 2018. Disponível em: <<https://applocal.com.br/bairro/colina-verde/teixeira-de-freitas/ba>>. Acesso em: 05 mar 2019.
- ASSIS, Luana Rambo; NASCIMENTO, Lizandra Andrade. **O Serviço Social frente à questão da violência**. Instituição: URI – São Luiz Gonzaga. 2013. Disponível em: <[www.unlock-pdf.com\\_violencia%20escolar%20social.pdf](http://www.unlock-pdf.com_violencia%20escolar%20social.pdf)>. Acesso em 10 ago. 2018.
- ASPY, C.B.; OMÃ, R.F.; VESELY, S. K.; MCLEROY, K.; RODINE, S.; MARSHALL, L. Violência de adolescentes: Os efeitos protetores de ativos de mocidade. **Jornal de Aconselhamento e Desenvolvimento**, 2004, 82, 268-276.
- BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1988.
- \_\_\_\_\_. Constituição (1998). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 14 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8069, de julho de 1990.
- \_\_\_\_\_. Lei 8.069/90. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. ECA. Porto Alegre: CRESS, 2000.
- CABRAL, L.A.M. **Os jogos olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo: Odysseus, 2004.
- CHENKMAN, Ian. **Ditadura contra a arte da imaginação**. 2014. Disponível em: <[http://gazetarussa.com.br/arte/2014/01/18/ditadura\\_contra\\_a\\_arte\\_da\\_imaginacao\\_23721.html](http://gazetarussa.com.br/arte/2014/01/18/ditadura_contra_a_arte_da_imaginacao_23721.html)>. Acesso em: 10 ago. 2018.

CHEPYATOR-THOMSON, J.; RUSSELL, J.; WOORONS, S. Teoria do currículo na pedagogia do esporte. **Revista Internacional de Educação Física**, 2008, 35, n ° 4, 135-141.

CHRISTOPOULOS, G.A. **Os jogos olímpicos na Grécia Antiga**. Atenas: Ekdotike Athenon, 2003.

COLI, Jorge. O que é arte. 15 ed. In: **O supérfluo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

CONANDA. **Diretrizes Nacionais para a Política de Atenção Integral à Infância e a Adolescência** -2001-2005. Brasília, 2000.

CORREIA, Maria Valéria C. Que Controle Social na Política de Assistência Social? In: **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo, Cortez, (72): 119-144, novembro de 2002.

CURRY, Timothy J.; JIOBU, Robert M. **Ostentando uma perspectiva social**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, INC, 2014.

DUARTE JUNIOR, João-Francisco. **Por que arte-educação?** 16. ed. Campinas,SP: Papyrus, 2005.

ECA - MANUAIS DE LEGISLAÇÃO ATLAS. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei nº 8.069, de 13-07-1990. 13. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2006.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - Lei 8069/90. Niterói/RJ: Fundação para a Infância e Adolescência, 2002.

FREEMAN, William H. **Educação Física e esporte em uma sociedade em mudança**. Nova Iorque: Macmillan Publishing Company, 2012.

GADOTTI, Moacir. **O Projeto Político-Pedagógico da escola**: na perspectiva de uma educação para a cidadania. Brasília: 2002;

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Cristiano Mauro Assis. **FEUERSTEIN e a Construção Mediada do Conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GOTTFREDSON, D. C. **Escolas e delinquência**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2006.

HARTMANN, D. Notas sobre o basquetebol da meia-noite e as políticas culturais da recreação, da raça e da juventude urbana em risco. **Jornal do esporte e edições sociais**, 2001, 25 (4): 339–371.

HORN, Michael B.; FREELAND, Julia. **As escolas e o apoio à Integração dos serviços sociais na condução de resultados educacionais**. Caderno de Estudos econômicos na Brookings. No. 3, Setembro 2015. Disponível em: <<http://www.brookings.edu/~media/research/files/papers/2015/09/health-neighborhood/horn-freeland-paper-final.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2015.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 25. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População do Brasil**. Disponível em: <[https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/box\\_popclock.php](https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/box_popclock.php)>. Acesso em: 05 mar. 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2002.

\_\_\_\_\_. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dado**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002a.

LEOPARDI, M. T. et al. **Metodologia da pesquisa**. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2003.

MACHADO, R.P.T. **Do mito à razão: gênese e desenvolvimento das manifestações atléticas na Grécia Antiga**. 2009. Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. **Esporte e religião no imaginário da Grécia Antiga**. 2006. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MALDONADO, Maria T. **Os Construtores da Paz: Caminhos da prevenção da violência**. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

MARÇURA, Cury Garrido. **Estatuto da Criança e do Adolescente Anotado**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2002.

MBI. **Teixeira de Freitas (BA) - Índice de bairros e demais núcleos populacionais**. 2018. Disponível em: <<https://www.mbi.com.br/mbi/biblioteca/cidade/teixeira-de-freitas-ba-br/>>. Acesso em: 05 mar. 2019.

MÜLLER, Antonio José. Valores sociais e esportes. **EFDeportes Revista Digital**. Buenos Aires, Año 19, Nº 199, Diciembre de 2014.

NETO, João. Novos arranjos familiares. **Revista Retratos: A Revista do IBGE**. Dez. 2017, p. 17-19. Disponível em: <

[https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com\\_mediaibge/arquivos/3ee63778c4cfdcbbe4684937273d15e2.pdf](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/3ee63778c4cfdcbbe4684937273d15e2.pdf)>. Acesso em: 17 nov. 2018.

ODALIA, Nilo. **O que é Violência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde**. Genebra, 2002.

PARO, Vitor Henrique. **Qualidade do ensino**: a contribuição dos pais. São Paulo: Xamã, 2000.

PDU. **Plano Diretor Urbano**. Prefeitura Municipal de Teixeira de Freitas. Teixeira de Freitas/BA. Gabinete do Prefeito, 2010.

PELT, Jennifer Van. **Trabalho social escolar**: um desafio. Março/Abril 2012. Vol. 12 No. 2 p. 24.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. **História da educação**. São Paulo: Ática, 2007.

REGO, Cristina Teresa. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2001.

REVISTA TEIXEIRA DE FREITAS. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. BNB. Banco do Nordeste do Brasil S. A. **Enciclopédia dos Municípios**: Teixeira de Freitas. Vol. XX., 1958.

RHEE, S.; FURLONG, M.J.; TURNER, J. A.; HARARI, I. Integrando perspectivas baseadas em força em avaliações psicoeducacionais. **Escola de Psicologia da Califórnia**, 2001, 6, 5-17.

RUBIO, Kátia. A dinâmica do esporte olímpico do século XIX ao XXI. **Rev. bras. Educ. Fís.** Esporte, São Paulo, v.25, p.83-90, dez. 2011.

SAGE, George Harvey. **Poder e ideologia no esporte sul-americano**. Champaign, IL: Cinética Humana, 2008

SANTOS, André Michel dos. **As contribuições do Serviço Social para a realidade escolar do Brasil**. 2014. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/as-contribicoes-servico-social-para-realidade-escolar-.htm>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

SEEFELDT, Vern; VOGEL, Paul. **Os valores da atividade física**. Virginia: Aliança Americana pela Educação Física em Saúde, Recreação e Dança, 2016.

SERRA, Ricardo. **Violência escolar**: escolas, alunos e professores 'não falam mesma língua'. 2014. Disponível em: <<http://teiaufmg.com.br/violencia-escolar-escolas-alunos-e-professores-nao-falam-mesma-lingua/>>. Acesso em: 25 jul. 2018.



SILVA E SALLES, Joyce Mary Adam de Paula; FERREIRA, Leila Maria. **A violência na escola**: abordagens teóricas e propostas de prevenção. UNESP, Rio Claro/SP, 2010.

SIMON, Robert L. **Esporte e valores sociais**. Englewood Cliffs. Nova Jersey: Prentice-Hall, INC, 2015.

SNYDER, Eldon E.; SPREITZER, Elmer. **Aspectos sociais do esporte**. Englewood Cliffs, Nova Jersey: Prentice-Hall, INC, 2008.

SOARES, Dulce Consuelo R. **Os vínculos como passaporte da aprendizagem**: um encontro D'EUS. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

SOLOMON, Glória. A educação física afeta o desenvolvimento do caráter dos alunos? **Revista de Educação Física, Recreação & Dança**, 2017, v.68, n.9, p.38 (4).

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. 41. ed. São Paulo: Gente, 1996.

\_\_\_\_\_. **Quem ama, educa**. 2. ed. São Paulo: Gente, 2002.

UNESCO. **Violência na escola**. 2014. Disponível em: <[www.unesco.org/new/pt/brasil](http://www.unesco.org/new/pt/brasil)>. Acesso em: 30 ago. 2018.

UNICEF. **Violência na escola**. 2015. Disponível em: <[www.unicef.org/brazil/pt-02](http://www.unicef.org/brazil/pt-02)>. Acesso em: 29 jul. 2018.

YALOURIS, N. **Os jogos olímpicos na Grécia Antiga**. Atenas: Athenon, 2003.

## APÊNDICES

### APÊNDICE I - QUESTIONÁRIO QUALIQUANTITATIVO – PAIS

Esta é uma pesquisa de caráter exploratório para compor o trabalho de Dissertação de Mestrado do curso de Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional da Faculdade Vale do Cricaré pela aluna Samantha de Andrade Costa. O objetivo deste questionário é o de analisar a relevância do Projeto “Educar para Crescer através do Esporte” à luz da Lei 8.069/90 dentro do processo social e educacional dos participantes das oficinas ofertadas pelo programa, visando à diminuição da agressividade e violência entre crianças e adolescentes no Bairro Colina Verde no município de Teixeira de Freitas.

#### INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS QUESTIONÁRIO QUALI-QUANTITATIVO – PAIS

Entrevistado (a) nº: -----

Data:                      Nome:

Idade:                     Sexo:

Formação:

1. Há quanto tempo o seu filho participa do projeto? \_\_\_\_\_

2. Que atividade o seu filho faz na associação? Qual oficina ele participa?

\_\_\_\_\_

3. Este projeto tem sido importante para você?

a) sim -----

b) não-----

Por quê?

\_\_\_\_\_

4. Para que serve o projeto para o seu filho? Quais os benefícios que tem observado em relação ao seu filho e a agressividade, violência?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

5. Em sua concepção, o que deve ser melhorado no Projeto?

---

---

6. Para você, o Projeto serve para inclusão do seu filho ou diversão?

---

7. O esporte faz a diferença na vida do seu filho?

a) sim -----

b) não-----

De que forma?

---

8. Houve mudanças de comportamento com as atividades esportivas?

a) sim -----

b) não-----

Quais?

---

9. Você sabe quais os motivos que levam à agressividade e violência nos jovens?

a) sim -----

b) não-----

Quais?

---

## ANEXOS

ANEXO I - TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### FVC- FACULDADE VALE DO CRICARÉ

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

#### TEORIZANDO O ESPORTE COMO INTERVENÇÃO SOCIAL FRENTE À LEI 8.069/90: O CASO DO PROJETO “EDUCAR PARA CRESCER”

Dissertação – Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional da Faculdade Vale do Cricaré – 2018
--

<b>Acadêmica</b> – Samantha de Andrade Costa
--

<b>Orientador:</b> Prof. Me. Jose Roberto Gonçalves de Abreu
--

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – PAI DE USUÁRIO

Prezado (a) Senhor (a):

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), de uma pesquisa que servirá para conhecer acerca da **relevância do Projeto “Educar para Crescer através do Esporte”** à luz da **Lei 8.069/90 dentro do processo social e educacional dos participantes das oficinas ofertadas pelo programa, visando à diminuição da agressividade e violência entre crianças e adolescentes no Bairro Colina Verde no município de Teixeira de Freitas**, através de pesquisa exploratória bibliográfica e de campo.

No caso de aceitar fazer parte da pesquisa, você preencherá o questionário contido no APÊNDICE A.

A sua opinião será de grande valor. Você poderá pedir esclarecer suas dúvidas sobre qualquer questão, bem como desistir de participar da pesquisa em qualquer momento que desejar, sem que tenha qualquer prejuízo.

Obrigada pela colaboração,

Como responsável por este estudo, tenho compromisso de manter em segredo todos os dados pessoais que me forem confiados, bem como de indenizá-lo se sofrer algum prejuízo físico ou moral decorrente da sua participação na pesquisa.

Assim, se está claro para você a finalidade desta pesquisa e se concorda em participar, peço que assine este documento, ficando com uma cópia do mesmo.

Samantha de Andrade Costa  
Pesquisadora Responsável

Participante da Pesquisa

Eu \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, Pai, mãe ou responsável de aluno frequentador da “Associação Educar Para Crescer, Esporte Mudando Vidas”, aceito participar da pesquisa, tendo sido devidamente informado e esclarecido, como disposto acima.

\_\_\_\_\_

Local

dia

mês ano

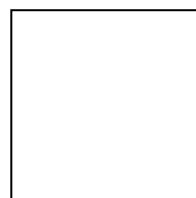
Assinatura do voluntário

A rogo de fulano de tal, assinam:

Testemunha I

Testemunha II

Marca do polegar



## ANEXO II – Fotos do Projeto



Figura 4: Momento de Lazer entre professores e alunos.



Figura 5: Alunos de Jiu jitsu no tatame.



Figura 6: Cabides com uniformes de Jiu jitsu.



Figura 7: Lanche após sala de leitura.



Figura 8: Os uniformes são comprados pela Associação Educar para Crescer.



Figura 9: Treino de Jiu jitsu.





Figura 10: Golpe em treino de Jiu jitsu.



Figura 11: Aquisição do tatame.



Figura 12: professores e alunos de Jiu jitsu.



Figura 13: Xadrez no tatame.



Figura 14: Uma pausa para foto com o professor de Capoeira.



Figura 15: Noções de Primeiros Socorros.



Figura 16: Chocolate na Páscoa.